

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Fernanda Feltes

**PROPOSTAS PARA A NICARÁGUA: O USO POLÍTICO DE SANDINO POR
CARLOS FONSECA NA CONSTRUÇÃO DO PROJETO POLÍTICO DA FRENTE
SANDINISTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL (1968-1976)**

Porto Alegre

2014

Fernanda Feltes

**PROPOSTAS PARA A NICARÁGUA: O USO POLÍTICO DE SANDINO POR
CARLOS FONSECA NA CONSTRUÇÃO DO PROJETO POLÍTICO DA FRENTE
SANDINISTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL (1968-1976)**

Monografia apresentada como requisito parcial
para a conclusão do curso de Bacharelado em
História ao Departamento de História da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Claudia Wasserman

Porto Alegre

2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, aos espaços do curso de História, pelos amigos que fiz, pelas coisas que aprendi, pelo crescimento que me propiciou. Assim, agradeço à minha orientadora, professora Cláudia Wasserman, pelas boas sugestões, pelo ótimo trabalho que realiza como professora e pesquisadora, pelo diálogo aberto e pela franqueza; agradeço ao professor Mathias Seibel Luce, o responsável por me inspirar no estudo de *Nuestra América* e por participar da banca de avaliação deste trabalho, ao professor Arthur Lima de Avila, por também compor a banca, e a todos os demais membros do Departamento de História da UFRGS, por proporcionarem um diálogo e aprendizado tão qualificados e instigantes.

Agradeço a toda minha família, pelo amor incondicional, pelo carinho a cada retorno para casa, pelos erros e acertos. Agradeço a meu pai, Celso, a pessoa com quem definitivamente mais briguei na vida, e que com isso me ensinou a defender com paixão meus pontos de vista e a desenvolver a capacidade (ainda não consolidada) de perceber quando o silêncio é a melhor alternativa; à minha mãe, Rosane, criatura maravilhosa, generosa, forte e cuja calma e quietude têm sempre muito a me ensinar, pelo café fresquinho, pelo carinho, pelo sorriso que é sempre um presente e pela companhia de todas as horas; ao mano querido, Luís Felipe, a quem sigo doutrinando, por interromper meus estudos e me fazer rir, pelos bons conselhos, pela inteligência e opinião ponderada, pelo abraço forte e pelas bandas de Dodge.

Ao pessoal do Memorial do Judiciário, com quem passo seis agradáveis horas diárias e com quem pude desenvolver aptidões profissionais. Obrigada pelos ensinamentos, pelo carinho e pelos momentos divertidos de histórias contadas e situações engraçadas. Vocês são amigos que fiz e de cuja amizade me orgulho muito. Às meninas que já passaram pelo Memorial, Lisi, Géssica e Laís, obrigada pela alegria e doçura com quem sempre me ouviram e que sempre compartilharam seus anseios e sonhos comigo nos almoços na biblioteca.

Às gurias, Gabi, Paola, Karen, que mesmo com a infreqüência, sigo amando. À Gabi por ser dessas pessoas admiráveis com quem sempre aprendemos, à Paola pela espontaneidade e pela parceria, à Karen por ter contribuído tanto para meu amadurecimento e para minha chegada à UFRGS e por ter sido uma grande companheira de quarto.

Aos amigos maravilhosos com que a História me presenteou: Fernando, Tortelli, Gustavo, Rolim, Thierry, Pri, Daiane e Daniel, com quem compartilho boas discussões, trabalhos em grupo, confissões, dificuldades, ódios e amores, aprendizado, risadas, cerveja, mojito, vinho e Ricard. Sem dúvida, tenho muita sorte em tê-los como amigos, pessoas

brilhantes, e se não falo de cada um é porque há coisas indizíveis dentre nossas histórias...

Por fim, ao Marcelo, a criatura encantadora com quem dividi alegrias e agruras ao longo de toda a graduação. Certamente, a pessoa com quem mais aprendi na vida, desde as diferentes formas de lavar a roupa até a forma de amar com quietude. Não há nada que eu faça, hoje, que não tenha contado com uma dica, conselho, opinião ou crítica tua, e tua sinceridade e entusiasmo me marcam dia após dia, tornando-me uma pessoa melhor e me ensinando a rir dos meus próprios erros e a ser feliz. Te amo e sou diariamente grata pela tua presença na minha vida. Aliás, com isso agradeço também à família toda, em especial à Vlândia, pessoa e profissional admirável, e aos meus avós emprestados, Vera e Walmaro, de quem gosto tanto.

Agrdecida estou, sinceramente, de ter podido contar com todos vocês nesse ano conturbado, de festejar vitórias e aquietar tristezas. Há um pouco de cada um na minha trajetória. Obrigada!

RESUMO

A presente análise aborda as noções de projeto político e ondas identitárias para investigar a produção intelectual de Carlos Fonseca, fundador da Frente Sandinista de Libertação Nacional, e os usos políticos que a FSLN faz, entre 1968 e 1976, do pensamento e do projeto de Augusto César Sandino, tido como símbolo principal desse grupo político. Para tanto, o trabalho debruça-se sobre as diferenças e semelhanças entre os projetos políticos de Fonseca e Sandino e relaciona-os com o contexto vivenciado por cada um desses atores sociais. Assim, a análise pretende oferecer uma contribuição ao estudo da Nicarágua pré-revolucionária, ao demarcar os elementos desses projetos e situá-los no interior das ondas identitárias, reforçando a relevância dessa noção para os estudos voltados a compreender a América Latina contemporânea.

Palavras-chave: América Latina. Nicarágua. Augusto César Sandino. Frente Sandinista de Libertação Nacional. Projetos políticos. Usos políticos do passado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. PROJETOS POLÍTICOS DE SANDINO E FONSECA	13
1.1 Composição dos projetos políticos	22
1.2 Libertação nacional e emancipação social: o conteúdo dos projetos políticos.....	28
2. SANDINO E FONSECA SOB A NOÇÃO DE ONDAS DE PENSAMENTO: IDENTIDADE E USOS POLÍTICOS DO PASSADO.....	36
2.1. Pensares sobre <i>Nuestra América</i>	38
2.2 Sandino e Fonseca sob a perspectiva das ondas identitárias	39
2.3. Sandino e o “horizonte de internacionalismo”	43
2.4. Carlos Fonseca e os usos políticos do passado sandinista.....	48
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59

INTRODUÇÃO

No início do século XX, a Nicarágua apresentava-se como um país em vias de integração ao sistema capitalista, por meio da economia agro-exportadora. A oligarquia latifundiária encontrava-se representada pelo presidente, José Santos Zelaya, que chefiou o governo entre 1893 e 1909. A inexistência de enclaves de cultura bananeira, à semelhança de outros países da região, fez da Nicarágua um país sem burguesia nacional ou classe operária desenvolvidas, o que ajuda a explicar a ausência de um pensamento consolidado a respeito da nacionalidade e mesmo de embates nesse aspecto (STÉDILE E BALODANO, 2008). O país seguia sem intervenção física dos EUA desde a expulsão dos estadunidenses liderados por William Walker, em 1857¹. Entretanto, controvérsias entre a presidência nicaraguense e os EUA, que envolviam a negativa de Zelaya para a construção de um canal interoceânico na Nicarágua e a cobrança de impostos de empresas estadunidenses atuando em território nicaraguense, dão início à nova escalada intervencionista no país centro-americano. Os fuzileiros navais estadunidenses são mobilizados e a Nicarágua é ocupada militarmente, numa aplicação clara da política intervencionista do Big Stick², que incluiu a deposição de Zelaya.

Vinte anos depois, a Nicarágua mantinha-se como palco para extensa e sistemática intervenção estadunidense. A interferência correspondia aos interesses políticos estratégicos dos EUA no país centro-americano, relacionados a sua proximidade com o Panamá, onde a construção do canal interoceânico foi autorizada, à localização central no istmo e à saída para os oceanos Atlântico e Pacífico. Em 1926, a reunião de um grupo de liberais, liderados por José Maria Moncada, insurge-se contra a presença militar que já dura 24 anos. No conflito que ficou conhecido como Guerra Constitucionalista, forças heterogêneas buscam combater o contingente militar estadunidense que sustenta a intervenção. Nesse momento, o líder operário Augusto César Sandino retorna do México, onde trabalhava em campos petrolíferos, e integra-se ao embate.

Sandino é um operário de origem camponesa nascido em maio de 1895, em Niquininho. Na minúscula vila do departamento de Masaya, adquire instruções para realizar seus primeiros trabalhos como assalariado, exercidos em Honduras, na Guatemala e no

¹William Walker foi um filibusteiro estadunidense que tomou o poder na Nicarágua em 1856, como parte de um projeto de conquista de diversas áreas latino-americanas. Sua expulsão da presidência nicaraguense ocorre um ano depois, e Walker é morto em 1860, em Honduras.

²O Big Stick, modelo de política externa adotado pelos EUA durante o governo de Theodore Roosevelt, fundamentava-se na Doutrina Monroe, por sua vez calcada na ideia da “América para os Americanos” - precisamente para os estadunidenses -, e embasou uma série de intervenções militares em países latino-americanos (FRAGA & WASSERMAN *in* GUAZZELLI, 2009).

México, onde aos 28 anos encontra-se trabalhando como mecânico para a Huasteca Petroleum Company, empresa de petróleo estadunidense. Desse modo, Sandino convive com uma realidade mexicana ainda movimentada pelas consequências da revolução de 1910, e nesse território desenvolve sua primeira experiência política, participando de uma agremiação junto aos companheiros de trabalho da Huasteca. A partir dessa vivência, Sandino iniciará seu percurso numa luta de caráter nacionalista e anti-imperialista. Em 1926, retorna à Nicarágua disposto a conclamar seus compatriotas a batalharem contra o imperialismo, assim como vira fazerem seus colegas mexicanos. Lá, estrutura um grupo de oposição armada ao governo conservador de Adolfo Díaz, presidente da Nicarágua entre 1911 e 1917 e 1926 e 1928. As armas serão acessadas por meio de contrabando; os homens do “Exército Defensor da Soberania da Nicarágua”, mobilizados entre os companheiros da mina de San Albino. As batalhas travadas contra o exército do general Joaquín Díaz Chamorro serão os primeiros elementos de aprendizado da tática guerrilheira e dos preceitos da luta anti-imperialista (SELSER, 1979).

No ano seguinte ao retorno de Sandino, a formalização de um acordo entre burgueses liberais e oligarcas alinhados com os interesses estadunidenses leva Moncada ao comando do governo nacional. A recusa de Sandino em retirar-se do campo de batalha conduz a uma luta autônoma de seu grupo contra as tropas de ocupação, que culmina na adesão de outros combatentes. O embate é encaminhado para a região montanhosa da Nicarágua, onde se fortalece um incipiente intento guerrilheiro. Com a retirada das tropas estadunidenses, Sandino entrega suas armas. Um ano mais tarde, em 1934, é fuzilado em ação organizada pelo líder da Guarda Nacional recém-constituída, Anastacio Somoza Garcia, que em 1936 tomará o poder na Nicarágua por meio de um golpe de Estado.

Instaurada a ditadura somozista, tem início um processo de desestruturação das forças agregadas sob o anti-imperialismo de Sandino. A dispersão das lutas populares e a desarticulação política e ideológica dos setores oprimidos na Nicarágua é marcante até a segunda metade da década de 1950, quando nova onda de insurreição popular é rearticulada a partir de grupos intelectuais e estudantis. Dois acontecimentos marcam o ano de 1956, para a perspectiva das lutas populares: o assassinato do ditador Somoza Garcia pelo poeta Rigoberto López Pérez e a formação da primeira célula identificada com o sandinismo e com o marxismo na universidade. A partir daí, sucedem-se diversas manifestações oposicionistas, que contribuem para o estabelecimento de uma crise política no território nicaraguense. Essa crise é marcada por lutas populares de forte caráter anti-imperialista, que não podem ser

comparadas a quaisquer outras no cenário latino-americano. Isso se deve ao fato de que o imperialismo teve papel decisivo na constituição da ditadura somozista. Somou-se a esse fator a cumplicidade dos grupos dominantes locais com a dominação externa e com a ditadura. Em decorrência dessa aliança, agravou-se o embate entre dominantes e dominados, que consistia numa expressão da contradição classista naquele território e que possuía potencial para desencadear um processo revolucionário (VILAS, 1987).

Entre os responsáveis por empreender essa rearticulação insurrecional está Carlos Fonseca, figura central na posterior criação da Frente Sandinista de Libertação Nacional - FSLN. Nascido em Matagalpa em junho de 1936, Carlos Fonseca exerce trabalhos esporádicos enquanto desenvolve os estudos primário e secundário. Já ao final de sua trajetória escolar, participa de greves estudantis, como a que reivindicou a saída de funcionários da Universidade de León que teriam vinculação com o ditador Somoza García. Em 1956, matricula-se na faculdade de Direito da Universidade de León, na qual pode aprofundar seu repertório de leituras marxistas e onde funda uma célula de estudos identificada com a causa proletária. A ação projeta suas atividades políticas na universidade, evidenciando sua oposição à ditadura somozista. Um destes projetos é a fundação, em 1959, da Juventude Democrática Nicaraguense – JDN -, organização focada em denunciar práticas da ditadura e da oposição conservadora. Deportado após uma de suas detenções políticas, organiza coluna guerrilheira que é desmantelada em Honduras. Em 1961, forma o Movimento Nova Nicarágua – MNN – e, a seguir, propõe o nome Frente Sandinista de Libertação Nacional para um movimento de cuja organização também fazia parte. Sua participação nos primeiros intentos guerrilheiros liderados pela Frente é reduzida em virtude de divergências políticas com Noel Guerrero Santiago, que incluem o debate referente à influência de Sandino sobre a Frente³. Em 1967, é declarado chefe político e militar da FSLN. Em novembro de 1976, morre em combate na região de Zinica (FONSECA, 1982).

Em dois momentos da história nicaraguense, Sandino e Fonseca servem de base à eclosão de lutas populares na Nicarágua. Ainda que do uso político feito por Fonseca da experiência de Sandino decorram semelhanças ideológicas, estas não determinam um mesmo projeto político. Em se tratando de contextos diferentes, cada um parte de uma vivência

³Esse debate, aliás, é interessante por apresentar duas perspectivas comuns a outras lutas por libertação nacional: o internacionalismo de um dos projetos em oposição à opção pela particularização do movimento. Ao passo que Noel Guerrero Santiago defendia o alinhamento com o processo de libertação nacional argelino, por considerá-lo semelhante ao processo nicaraguense, Fonseca advogava pela necessidade de aproximar a luta de Sandino da luta contemporânea, no intuito de facilitar um processo de unificação da população em torno de uma figura que ressaltava a origem autóctone dos nicaraguenses e que compartilhava de sua opressão.

teórica ou prática e de prioridades alinhadas com o panorama político que lhes é contemporâneo. Sandino e Fonseca estão inseridos em duas ondas de pensamento de caráter identitário, conforme a caracterização proposta por Devés Valdés (1997), mas compostas por elementos diferentes. Um dos quadros diz respeito a um cenário de modernização econômica voltada à integração capitalista, posterior crise econômica e enfraquecimento das oligarquias. Também é tempo de movimentos protonacionalistas interessados em demarcar o caráter social das identidades nacionais, que dão enfoque às figuras de camponeses e ameríndios. O outro quadro se estende desde antes até após a Revolução Cubana, processo que marca uma inflexão na política latino-americana, fortalecendo os intentos de “segunda independência” (em relação à ingerência estadunidense), e gerando impacto sobre a política externa dos EUA, agitada pela ameaça de reprodução do exemplo revolucionário.

Em que pesem os diversos momentos da Frente Sandinista, em que um ou outro dos preceitos da luta de Sandino ganhou centralidade, o objetivo desse trabalho é cotejar as visões de Sandino e Fonseca, buscando estabelecer parâmetros de similitude e distanciamento. Para tanto, a análise do pensamento de cada um e do referido uso político que o segundo faz de seu antecessor dividirá espaço com a contextualização. A escolha destes dois personagens e a imbricação entre suas ideologias é justificável não apenas por terem sido eles figuras centrais de dois momentos fundamentais à compreensão das lutas populares na Nicarágua, como também por terem sido ambos tomados enquanto legados de seu povo. Estas duas considerações podem ser percebidas em diversos pontos, mas ficam explícitas na ordenação proposta por Humberto Ortega, outro membro da FSLN, em livro que retoma a história do movimento sandinista (ORTEGA, 1980). Segundo Ortega, o período que separou Sandino e Carlos Fonseca foi de “descenso revolucionário”. No texto do sandinista, o momento que precede o descenso é de “Integração Histórica do Movimento Revolucionário”. É o período de liderança de Sandino em torno da luta pela emancipação social e política da Nicarágua. O período consequente ao descenso é o que corresponde à ascensão de Carlos Fonseca como líder estudantil e membro formador da Frente Sandinista⁴. A centralidade destas duas figuras é perceptível também por meio das representações do revolucionário nicaraguense: um e outro

⁴Faz-se necessário ressaltar que Ortega não alça Fonseca à figura central do período de ascenso revolucionário no livro. Inclusive, é rara a menção ao líder nesse texto específico, o que suscita questões a respeito de controvérsias em torno da representatividade de Carlos Fonseca quando de sua publicação. Há pronunciamentos de Ortega que divergem dessa perspectiva, por concederem centralidade a Carlos Fonseca, à semelhança de outros textos de memória sobre a Frente, a exemplo dos compilados por Baltodano (2010), e em representações discursivas e imagéticas, que reúnem Sandino e Fonseca como ícones da insurreição (Morlina, 2009). Esta não seria a única disputa entre as tendências da Frente no que diz respeito à herança sandinista, mas tais questões não serão debatidas nesse trabalho, respeitando-se o enfoque da análise e seu recorte temporal.

foram identificados como modelos de combatentes e ideólogos da insurreição, e a morte de Carlos Fonseca, em 1976, transmuta-o em novo líder e mártir nicaraguense, sendo tomados seus discursos e escritos como elementos importantes à teoria do movimento.

Em decorrência do exposto, a proposta desse trabalho é analisar os diferentes projetos políticos de que estavam imbuídos Sandino e Carlos Fonseca, bem como a influência do primeiro sobre o segundo. Ou seja, questiona-se em que medida o projeto político de Carlos Fonseca para a Nicarágua relaciona-se com o projeto de Augusto César Sandino e de que modo Fonseca, enquanto um dos fundadores da Frente Sandinista de Libertação Nacional – FSLN -, faz uso político da figura e da ideologia de Sandino.

Para tanto, o trabalho partirá das concepções que cada um desses personagens apresenta em relação a um projeto político, mensurando suas semelhanças e diferenças, tanto no que diz respeito à composição desses projetos como no que se refere aos instrumentos e conteúdos cabíveis às propostas. Assim, no primeiro capítulo, a análise recairá sobre a forma e o teor dos projetos políticos. Para tanto, serão consideradas as influências políticas de Sandino e Fonseca e sua vinculação com lutas semelhantes empreendidas na América Latina. A partir daí, a proposta concentrar-se-á em entender que perspectivas os dois atores sociais vislumbravam para a Nicarágua. Esse capítulo permitirá também que se analise que posições pretendiam ocupar Sandino e Fonseca num contexto insurreto e num futuro de consolidação de suas proposições políticas.

Os aspectos centrais do segundo capítulo, por sua vez, serão os pontos de convergência e divergência entre Sandino e Fonseca no que diz respeito à percepção da abrangência da insurreição nicaraguense. Em que pese a opção por uma luta de caráter internacionalista ou particular, o texto procurará aprofundar os elementos de defesa e crítica de ambos para cada uma dessas possibilidades, utilizando, para tal, a noção de “ondas identitárias” (DEVÉS VALDÉS, op. Cit.) e a discussão empreendida por Zea (1993) em relação ao pensamento latino-americano. Nesse sentido, também caberá avaliar de que forma esses atores compreendiam a identidade nicaraguense, o contexto político que os precedeu e aquele que vivenciaram. Por fim, o capítulo interessa-se em seguir uma análise, já traçada na parte inicial desse trabalho, relacionada aos usos políticos que Fonseca e a Frente Sandinista de Libertação Nacional fizeram da figura e do pensamento de Augusto César Sandino.

O recorte temporal do trabalho compreende dois períodos: o primeiro, de atividade insurreta e guerrilheira de Sandino, tem início em 1926, quando este adere ao conflito entre liberais e oligarcas, e fim em 1934, quando é assassinado pela Guarda Nacional. Esse período

será abordado de forma complementar, já que a menção às suas características é fundamental para abordar os acontecimentos que o sucedem. O segundo período relaciona-se com a atividade política de Carlos Fonseca enquanto líder da Frente Sandinista; tem início em 1968, quando este é designado para a chefia política e militar da FSLN, e segue até 1976, ano de sua morte. A opção por estes dois recortes leva em conta períodos em que tanto Sandino como Fonseca já exerciam posição de liderança em seus respectivos grupos. A produção total de Fonseca abrange um período maior, tendo em vista que o líder sandinista elaborou discursos e textos de divulgação desde o final da década de 1950, incluindo análises políticas da Nicarágua e comentários a respeito da atuação da FSLN. Sendo assim, o recorte temporal proposto limita a análise de modo a equiparar os textos, à medida que nos dois casos os autores já contam com a anuência de boa parte de seus interlocutores, podendo empreender um esforço duplo, constituído de um lado pelo reforço da unidade entre os combatentes e de outro pela convocação de novos integrantes para participação na guerrilha e no processo insurrecional.

As fontes relacionadas a Sandino são cartas e manifestos integrantes das compilações organizadas por Selser (1979) e Zea (1993), bem como excertos integrantes da obra de Stédile & Baltodano (op. Cit.). Para a análise do pensamento de Fonseca, servem de fonte a esse o livro “Obras” (1982), que reúne escritos de sua autoria, e a compilação de Baltodano (2010).

O trabalho justifica-se no esforço de oferecer contribuição ao estudo da Nicarágua no período que precede a Revolução Sandinista (1979), porquanto haja poucos estudos voltados a esse momento da história nicaraguense. No que diz respeito aos acontecimentos de 1979 e antecedentes, há desde trabalhos voltados ao estudo da América Latina, como os de Halperín Donghi (2005) e Pérez Brignoli (1990), até análises interessadas em apresentar panoramas da Nicarágua insurreta, como as de Vilas (1987) e Zimmermann (2006). Estes últimos servem de referencial a esse estudo por oferecerem elementos de compreensão do contexto que se pretende analisar, mas têm seu uso limitado por recortes temporais que abordam precisamente o cenário revolucionário. No que diz respeito ao pensamento de Sandino, há diversos trabalhos, que incluem relatos de membros da Frente Sandinista - como os do próprio Carlos Fonseca e de Humberto Ortega (op. Cit.) - e análises como as de Baltodano & Stédile (op. Cit.) e Selser (op. Cit.), já mencionadas. Em relação a Carlos Fonseca, há novamente os trabalhos de Baltodano (op. Cit) e Zimmermann (2012). Foram localizados ainda estudos como os de Maciel (2013) e Morlina (2009)⁵.

⁵Ao passo que Maciel analisa a opção pela via armada na Nicarágua revolucionária, Morlina concentra seu

1. PROJETOS POLÍTICOS DE SANDINO E FONSECA

Ao fim de sua vida, Augusto César Sandino, o líder do Exército de Salvação Nacional da Nicarágua e símbolo máximo da Revolução Sandinista de 1979, dá conta de que possui interesse em construir um partido político, o Partido Autonomista Nicaraguense (ZIMMERMANN, op. Cit.). Pela diretriz desse partido, considerando apenas os pronunciamentos de Sandino, seriam vedados os acordos políticos que ferissem o direito e a liberdade das massas. O PAN, como poderia ter sido chamado, elencaria como premissa básica livrar a Nicarágua da opressão, por meio da obstrução à ingerência externa e da disposição de terras e de trabalho para todos. O não-intervencionismo de seu líder indicava o impedimento de a Nicarágua imiscuir-se nos assuntos de outros países. Para Sandino, era preciso servir de exemplo às nações vizinhas, e deixar claro, pela experiência, o impedimento à aplicação de medidas políticas, sociais e econômicas motivadas pela imposição de modelos políticos exógenos. Seu pensamento criticava expressões de um cenário pelo qual era diretamente afetado, sua fala se dirigia principalmente a seus iguais – camponeses e operários - e sua ação e trajetória são os grandes propulsores da construção de seu pensamento político.

Sandino morre em 1934, assassinado pela Guarda Nacional nicaraguense. Dois anos depois, nasce Carlos Fonseca, o grande prócer da Frente Sandinista de Libertação Nacional. Com 20 anos, Fonseca é um líder estudantil, interessado em captar a atenção da população para a luta anti-somozista e motivado por leituras marxistas. É discente na universidade, não-operário e, conforme avança sua militância, tem a oportunidade de conhecer outros territórios centro-americanos e de se estabelecer em Cuba e na Costa Rica em virtude da perseguição política que sofre na Nicarágua. Para Fonseca, a formulação de um grupo forte para combater o somozismo diz mais respeito à emergência de uma vanguarda que eduque a população politicamente inconsciente do que à formação de um partido político nos moldes tradicionais, conforme os que critica em seu país. A esse grupo caberia encabeçar uma revolução, e não uma simples substituição de governantes. Uma revolução social, que opusesse as classes dominantes, representadas pelo somozismo, e as classes dominadas. Um processo que se voltaria a romper com a lógica da integração latino-americana ao capitalismo, que pretendia atender às necessidades básicas da população desassistida e que buscava concretizar a justiça social preconizada por Sandino. Carlos Fonseca também fala a seus iguais – os estudantes intelectualizados e os líderes políticos da FSLN -, mas estende seus discursos a toda a

população, e para isso faz largo uso político da figura de Sandino, com que se identificam melhor os camponeses e operários. Sua ação se produz originalmente em seus pronunciamentos e numa luta teoricamente fundamentada, e sua luta é consequência de um projeto anteriormente formulado, específico e divulgado com vistas a ampliar o papel e o volume da Frente Sandinista.

Sandino e Fonseca são, portanto, homens diferentes que igualmente reagem ao propor mudanças drásticas diante das condições que lhes são cotidianas e que os atingem direta ou indiretamente. A partir das acepções de ambos, pretende-se compreender a constituição do projeto político de cada um deles. Desse modo, o presente capítulo interessa-se em investigar dois elementos: os beneficiários e integrantes desses projetos e a consistência das mencionadas propostas para a Nicarágua. Faz-se necessário ressaltar que a produção de Carlos Fonseca que se analisa está entrelaçada com a atividade política da Frente Sandinista de Libertação Nacional, mas a atuação da Frente no momento posterior à morte de Fonseca, em 1976, escapa ao objetivo deste trabalho.

A análise procura acompanhar a noção de projeto político, entendido enquanto um conjunto de crenças, interesses, concepções de mundo e representações do que deve ser a vida em sociedade e que orienta a ação política dos diferentes sujeitos (DAGNINO, 2004). Segundo Dagnino, a vantagem dessa conceituação é não perder de vista o vínculo entre cultura e política na conformação do projeto: “projetos políticos não se reduzem a estratégias de atuação política no sentido estrito, mas expressam e veiculam e produzem significados que integram matrizes culturais mais amplas” (DAGNINO, op. Cit., p. 98). A um projeto que preveja uma significativa mudança social, como os abordados por essa análise, a autora atribui o necessário enlace constitutivo entre política e cultura, determinado pela necessidade intrínseca de transformação cultural num processo de transformação social. Ao conceituar a cultura, Dagnino aponta para uma concepção de mundo e de práticas sociais que estão imbricadas em relações de poder. Para a compreensão dessas relações, a autora enfatiza que seu caráter cultural, que expressa, produz e comunica significados, tem de ser reconhecido para ser modificado. A reflexão de Dagnino é importante a essa análise para que não se perca de vista as relações entre os aspectos políticos e os aspectos culturais dos projetos políticos de Sandino e Fonseca. Portanto, é com base nesse conceito que o presente capítulo analisará o aspecto político dos projetos de Sandino e Carlos Fonseca, tendo em vista que os fatores culturais serão objeto do segundo capítulo, cuja intenção é perceber esses projetos por sua perspectiva internacionalista ou particular e verificar sua adequação ao conceito de ondas de

pensamento (DEVÉS VALDÉS, op. Cit.).

Ao traçar um panorama da Nicarágua pré-revolucionária, com enfoque entre o início do século XX e a década de 1960, Vilas (op. Cit.) explica que o modo como se desenvolveu o capitalismo latino-americano – num quadro de vigência do imperialismo e de divisão internacional do trabalho – influenciou as lutas sociais e a constituição dos sujeitos políticos na América Latina. Ao determinar um modelo de “eficiência econômica sem eficácia social” e de crescimento sem distribuição (PÉREZ BRIGNOLI, op. Cit., p. 72), a elite envolvida nessa integração e seus articuladores tiveram o cuidado de reprimir as manifestações populares, sempre pelo argumento da luta contra o comunismo e contra a subversão que seriam os motes dos levantes. As dificuldades de integração das massas populares são pormenorizadas por Pérez Brignoli ao enunciar o caso da Costa Rica, tomada por uma greve de grandes proporções na costa atlântica das plantações bananeiras, em 1934. Os líderes do episódio, identificados como comunistas, foram presos, e as demandas foram atendidas por força de lei pelo presidente Ricardo Jiménez, liberal que considerou a greve legítima. A United Fruit Company, empresa responsável por grande parte dos enclaves bananeiros na América Central⁶, posicionou-se diametralmente contra as reivindicações dos grevistas. O autor cita outro exemplo, o de El Salvador, que na década de 1930 é afetado pela deposição do presidente constitucional, Arturo Araujo, situação que acarreta sérios embates entre a população camponesa e as forças do governo. Pérez Brignoli enumera entre 20 e 30 mil vítimas no território, entre ameríndios e camponeses. Amparado pelos dois exemplos, o autor sugere uma coincidência entre processos que atingem territórios da América Central nesse momento, em que pese, de acordo com ele, a incapacidade das elites agrárias de criar novas relações de contribuição e consenso com as massas, optando por coibir sua manifestação e reprimir seus protestos. Desse modo, o autor assinala que a cadeia de acontecimentos gerais na América Central da década de 1930 “não pode ser mais clara”:

⁶A United Fruit Company foi um conglomerado de empresas estadunidenses que ampliaram o cultivo de banana na América Latina, com foco na América Central. Sua influência, entretanto, se estendeu para além da iniciativa empresarial. Halperín Donghi (op. Cit., p. 309) cita alguns exemplos do poderio da companhia: “En la costa atlántica de Guatemala, de Honduras, de Nicaragua, de Costa Rica, de Panamá, de Colombia, de Venezuela, se tallan vastos dominios territoriales; en Panamá, por ejemplo, la compañía posee una red ferroviaria privada casi tres veces más extensa que la pública (sin duda muy exigua). A veces estos dominios están vacíos de hombres, y la compañía induce las migraciones que salvarán esa carencia: en Costa Rica transforma el equilibrio étnico al crear, frente al altiplano blanco, una costa de población negra y mulata (a menudo originaria de las West Indies). La banana se transforma en exportación dominante de varios países centroamericanos, cuyo mercado consumidor se encuentra en Estados Unidos, que absorbe proporciones elevadísimas de sus exportaciones (en Nicaragua, en 1918, es más del 90 por 100 de éstas el que encuentra ese desemboque).”

La cadena de acontecimientos no puede ser más clara: 1) lucha sindical que no conduce a resultados positivos; 2) lucha electoral burlada por el fraude y la represión; 3) intento de negociación con el gobierno, lo cual tampoco da resultado; 4) insurrección; 5) represión sanguinaria; 6) trauma del terror y oprobio silencioso de las masas durante más de cuarenta años. El camino seguido tiene un doble efecto. Hay, por una parte, una renuncia premeditada a cualquier forma de integración de las clases populares. Por otra, la clase dirigente no podrá ya distinguir entre las reivindicaciones y la amenaza de una insurrección revolucionaria. En el largo plazo, esta ceguera se convertirá en un progresivo factor de debilidad. (PÉREZ BRIGNOLI, op. Cit., p. 74)

As conclusões a que chegam esses autores serão fundamentais ao desenvolvimento da presente análise, tendo em vista que não só se busca aqui analisar sujeitos políticos que exerceram papel de liderança na Nicarágua, como também a crítica política e econômica que recobre suas análises e fazeres, e o que determina a configuração e o conteúdo dessa crítica.

Isso posto, é possível afirmar que os projetos políticos de Augusto César Sandino e Carlos Fonseca para a Nicarágua assemelham-se em vários aspectos. Dadas as continuidades, tais como a crítica da subordinação a governos ilegítimos e da recorrente ingerência estadunidense, é consequente a convergência entre os desejos de Sandino e os de Fonseca. Some-se a isso o fato de que Fonseca era um defensor da evocação da figura de Sandino, por sua possibilidade de significar a unificação popular em torno de ideais nacionalistas e de rompimento com a opressão. Mesmo considerando a representatividade de Sandino e de sua luta em grande parte de seus textos, Fonseca e seu mentor estão separados por diferentes conjunturas, e uma intermitência temporal – com o qual os próprios sandinistas concordam ao mencionar um descenso revolucionário entre a morte de Sandino e o fim da década de 1950 (ORTEGA, op. Cit.) - determina cisões entre as opções políticas de ambos. A essa observação, cabe acrescentar a possível relação acerca desses diferentes tempos e as categorias de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” (KOSELLECK, 2006). Ao definir a experiência, entendida como o passado atual, Koselleck indica duas de suas características: a fusão da elaboração racional e das formas inconscientes de comportamento, e a conservação de experiências alheias. Essas características permitem a ampliação de outra noção adotada nessa análise, já que, ao abordar um aspecto racional e outro comportamental na categoria de experiência, Koselleck aproxima-se da noção de projeto político de Danigno (op. Cit.), concebida com base na simultaneidade entre política e cultura como fundamentos de um projeto político. Noutro ponto, Koselleck explica a categoria expectativa, indicando para esta a existência de uma ligação com o pessoal e com o interpessoal e a sua realização no hoje e no futuro presente. De acordo com ele, a expectativa se volta ao não-experimentado, ao que remete apenas ao que pode ser previsto: “Esperança e medo, desejo e vontade, a

inquietação, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem” (KOSELLECK, op. Cit., p. 310). Essas categorias serão úteis à presente análise na medida em que permeiam o entendimento que se tem a respeito dos projetos desenvolvidos por Sandino e Fonseca, sua relação com as experiências e expectativas de seu tempo e, particularmente no caso de Fonseca, a conservação da experiência alheia que fundamenta a trajetória do sandinismo e da FSLN na Nicarágua. Assim, concorda-se com a conclusão de Koselleck, para quem “todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem” (*idem, ibidem*, p. 306).

Até a década de 1960, a Nicarágua era um país de escassa e tardia industrialização, cuja economia voltava-se necessariamente à exportação, e sua matriz populacional eram os camponeses, alocados na zona rural ou residentes na cidade após um processo de concentração fundiária e êxodo rural. Sofrera diversas vezes com políticas intervencionistas dos EUA e contava com uma oligarquia e uma burguesia incipiente que preferiam alianças a projetos antagônicos. Entretanto, uma peculiaridade cabível à Nicarágua propiciou lutas singulares nesse território: a ausência de enclaves. Halperín Donghi (op. Cit.) explica que os enclaves foram comuns à América Latina no período de “maturidade da ordem neocolonial”. Entre os exemplos citados pelo autor, consta o da Guatemala, onde capitalistas alemães tomam para si as melhores terras para o cultivo de café; o de Cuba, em que companhias estadunidenses são presença marcante na economia açucareira e o da América Central, no interior da qual se erige o império bananeiro. De acordo com o autor, esse processo implicou a debilitação das classes proprietárias – em seu poder político e em sua capacidade de exercer coerção extraeconômica sobre o campesinato - em benefício das classes emergentes, que se tornam emissárias das metrópoles. Essa debilitação foi acompanhada pelo surgimento de classes médias, predominantemente urbanas e situadas principalmente em zonas de economia modernizada. Por meio dessa diferenciação social, encaminhou-se um começo de democratização, que não foi, no entanto, marcado por uma oposição à permanência da ordem neocolonial. Logo, é possível entender porque oligarquia e burguesia preferiram alinhar-se.

Como à história da Nicarágua não correspondeu esse processo, uma grande diferenciação social foi mantida, incluindo oligarcas de poder político fragilizado, uma burguesia restrita e interessada na manutenção do imperialismo que significava a existência de indústrias estadunidenses no território, e uma massa oprimida integrada por diversos segmentos da sociedade e, desse modo, heterogênea em suas reivindicações. A ausência de uma burguesia identificada com princípios nacionalistas e de uma classe operária é

sintomática no cenário nicaraguense. Stedile & Baltodano (op. Cit.) afirmam que a existência de enclaves bananeiros é a grande responsável pela gestação de uma classe operária noutros países latino-americanos, graças à necessidade de um alto contingente populacional determinada pela produção desse gênero, e que sua escassez culminou em debilidade operária na Nicarágua. Esses fatores são fundamentais para explicar a inexistência de uma reflexão mais profunda a respeito da nacionalidade e para a diversidade de demandas da população oprimida. De acordo com Ramirez,

A falta de consolidação de uma burguesia nacional debilita o sentido da nacionalidade como valor a ser defendido pelos grupos dominantes locais [...] A nacionalidade, que passaria a ser a cabeça do espectro ideológico de outras burguesias latino-americanas, que a opõem, como parte de seu projeto de desenvolvimento capitalista interno, a forças capitalistas internacionais, ficou ausente nessa etapa de dominação externa, florescendo, então, como em nenhuma outra parte, a vocação vende-pátria, um estigma que se tornou histórico. (RAMIREZ *apud* STEDILE & BALTOIANO op. Cit., p. 110)

Desse modo, a associação interclassista e o estigma vende-pátria fomentam a luta nicaraguense por libertação nacional. Caras a Sandino e a Fonseca, as lutas emancipacionistas se conformam, nesse território, por meio de uma oposição entre dominantes e dominados, ou entre a massa popular e a classe dominante, e não por meio de uma clássica oposição classista inserida numa relação de produção. Contudo, ambas não são tão diferentes entre si de acordo com Vilas (1987), para quem

La contradicción masas populares/clases dominantes es una manera de expresarse la contradicción entre el desarrollo de las fuerzas productivas y las existentes relaciones de producción. Es, por lo tanto, la contradicción que abre paso a 'una era de revolución social' (Marx, 1859), pero es también la contradicción que está en la base de la reproducción ampliada del sistema capitalista. Que actúe en uno u otro sentido depende, en último análisis, del 'uso' político de la contradicción por las fuerzas en lucha." (VILAS, 1987, p. 132)

Apesar dos elementos convergentes, os pensamentos de Sandino e Fonseca apresentam variações entre si. A começar pela forma como cada um desenvolveu seu projeto para a Nicarágua. Sandino era um homem de ação: sua produção escrita é marcada por denúncias, convocações ao povo, defesa do nacionalismo, mas não por produtos de reflexão teórica a respeito de modelos políticos e opções econômicas para o país. Sua experiência política se forjou na prática: Sandino não possuía instrução formal e os preceitos de sua luta se fundam em dados colhidos a partir de sua vivência em outros países da América Latina, principalmente o México pós-revolucionário, de onde pode ter vindo a inspiração para sua

manifestação internacionalista. Outro ponto interessante a respeito do projeto de Sandino é seu enfoque quase exclusivo na atividade guerrilheira: sua relação com a libertação nacional foi travada sempre em cenários de combate, e somente ao fim desse período, com a expulsão das tropas estadunidenses, Sandino demonstra interesse em fundar um partido que envolvesse os interesses populares nicaraguenses e que apresentasse uma proposta de unidade centro-americana (ZIMMERMANN, 2012; SELSER, 1979).

A difusão entre diferentes propostas também é pauta de seu projeto político. De acordo com Selser (op. Cit.), Sandino contará, ao longo de sua trajetória, com o apoio de apristas⁷, anarquistas, comunistas e socialistas. Mesmo no que diz respeito aos estadunidenses sua ressalva é relativa: segundo Selser, o líder guerrilheiro teria dito que não se opunha a eles, mas a sua tentativa de submeter o povo nicaraguense. Em seu primeiro manifesto político, de 1927, Sandino deixa clara sua pretensão de uma “revolução liberal” e da luta armada que a precederá. Seus propósitos mantêm-se ao longo de sua trajetória, e sua filiação exclusiva ao nacionalismo é o que rege todos eles. Conforme Selser,

Sandino é um nacionalista nato. Luta apenas para ver sua pátria livre de invasores, e esse é o único propósito que o guia na luta. (...) Ele é contraditório e inclusive despótico em suas atitudes, mas nunca suas contradições fá-lo-ão afastar-se de seu objetivo principal: expulsar de sua pátria o invasor. (SELSER, op. Cit., p. 38)

Será o próprio Carlos Fonseca quem dirá, em texto de 1971, que a luta da Frente Sandinista se estende para além da luta nacionalista empreendida por Sandino e seus companheiros na década de 1920. Fonseca explica que, dessa vez, o combate não será meramente patriótico, mas fundamentado nas “mais avançadas ideias de revolução” e produzido a partir da observação da vivência das classes oprimidas. Em nenhum momento o autor, entretanto, minimiza as atitudes sandinistas. Para ele, Sandino fez de sua experiência guia para seu projeto político, como homem de ação que era. E, ao valorar esse esforço, Fonseca justifica a preponderância da atividade guerrilheira sobre as outras. Entre os preceitos elencados por ele para a FSLN, está a necessidade de disponibilizar ao trabalho no cenário urbano e no convencimento das massas apenas homens que já tivessem a vivência guerrilheira, pois estes estariam mais preparados para efetivar a adesão da população à luta sandinista.

⁷A APRA – Aliança Popular Revolucionária Americana – foi uma organização com origem no Peru. Fundada por Victor Haya de La Torre, a Apra era um movimento político de ideologia eclética e inspiração na Revolução Mexicana. Durante a década de 20, apresentou caráter continental, com seções em vários países latino-americanos. (LÖWY, 1999, p. 10)

O estímulo à integração da população na guerrilha é, aliás, talvez mais caro à própria Frente do que o foi para Sandino, em que pese esta ter se consolidado de forma mais extensiva, enquanto a luta original de fato esteve concentrada na guerrilha. A partir dos textos de Sandino, parece-lhe mais importante convencer a população dos prejuízos e das agressões intervencionistas a que está submetida, muito por conta de uma imaturidade política com a qual concorda Fonseca, em suas análises do período da luta de Sandino. Vilas também acena para essa fragilidade, e acredita que a imaturidade política é produto de uma sociedade amplamente diferenciada. Para ele, a Nicarágua vive, ainda na década de 1960,

Un proceso de proletarización en el cual una clase obrera pequeña, que labora en un número reducido de unidades empresariales modernas, no está aún plenamente diferenciada del resto de los trabajadores urbanos ni por su modo de inserción en las relaciones de producción, ni por sus condiciones generales de vida y donde una enorme e multifacética diferenciación, encadenamiento y articulación de actividades, oficios, prestaciones y habilidades, formales e informales, expresan en su conjunto la subordinación de las masas trabajadoras a la dinámica del capital. (VILAS, 1987, p. 141)

Em decorrência da preocupação com a integração de uma população que é oprimida pela agressividade das medidas tomadas pelos EUA, faz sentido que o discurso de Sandino encontre seu eixo na denúncia e na conscientização. Nos pronunciamentos da Frente Sandinista, por outro lado, a imaturidade latente é interpelada pelo trabalho político – Carlos Fonseca é um grande entusiasta das manifestações escritas, tendo produzido várias no decorrer de sua militância -, mas o convite à participação na atividade guerrilheira também é feito, em virtude da necessidade de possuir contingente combatente, da importância dessa vivência, e talvez para dar seguimento ao modelo usado por Sandino, numa luta que retoma seus princípios e estratégias. Some-se a isso a recorrente crítica de Carlos Fonseca à atitude de estudantes e outros setores que se diriam revolucionários mas não faziam mais do que expedir panfletos e criticar o cenário político. Essa preocupação ganha corpo quando a dificuldade enfrentada pela Frente para reproduzir os contingentes guerrilheiros se agrava: enquanto as baixas na guerrilha eram recorrentes, a adesão era escassa, segundo o próprio Fonseca.

A observação de Fonseca, de que a Frente reúne um arcabouço teórico para fundamentar sua atividade, não se reduzindo ao patriotismo prático de Sandino e de seus companheiros, explica uma importante diferença nos projetos políticos de ambos. Novamente, é preciso alertar que Fonseca não desqualifica a luta de Sandino, mas parece vê-la como fase inicial de um processo contínuo voltado à libertação nacional. A reflexão de Koselleck (op. Cit.) em relação à experiência é adequada para explicar a primeira das diferenças entre

Sandino e Fonseca, que é a determinada pelas diferenças contextuais: “é a tensão entre experiência e expectativa que, de uma forma sempre diferente, suscita novas soluções” (KOSELLECK, op. Cit., p. 313). Considerando isso, faz-se necessário refletir sobre o argumento de Fonseca de que a massa era ideologicamente despreparada num primeiro momento. Curiosamente, os primeiros textos do próprio Fonseca - que não compreendem o recorte desse trabalho, porquanto sejam anteriores ao período abordado – também defendem a ideia de uma coalizão oposicionista, que reúna marxistas e liberais, negando objetivamente uma percepção marxista do processo insurrecional, o que, aliás, talvez indique uma tentativa de manter o ideal sandinista de unificação em benefício do fim do intervencionismo. Logo, os textos dessa época padeciam da crítica que o próprio Fonseca faz a seguir. Afinal, uma década depois, o líder nicaraguense proclama a necessidade de estabelecer publicamente o cunho marxista-leninista da luta sandinista. Para ele, era fundamental marcar as diferenças da Frente não somente em relação aos partidos tradicionais que se alinhavam com os interesses estadunidenses, mas também em relação ao Partido Socialista Nicaraguense, formado em 1944, que opta por apoiar Somoza para não alinhar-se ao Partido Conservador, líder da oposição. A posição marca as críticas de Fonseca, para quem o Partido Socialista erra ao negar o interesse revolucionário, e alerta para a necessidade de a população perceber as diferenças entre os verdadeiros marxistas e a “pseudo-oposição” (ZIMMERMANN, op. Cit., p. 246). Note-se, portanto, que ao início de sua militância, Fonseca julga prioritária a vinculação irrestrita com o pensamento sandinista. Uma década depois, a necessidade de firmar posição mostra-se mais importante, pelo interesse da FSLN em conquistar a adesão da população. A tensão entre experiência e expectativa também está presente no desenvolver do pensamento de Fonseca que, se de início crê numa solução reformista, amparada por uma coalizão, no auge de sua produção política e intelectual reclama a necessidade de a Nicarágua optar pelo caminho revolucionário.

Desse modo, é interessante notar como o discurso de Sandino se fundamenta nas arbitrariedades decorrentes da intervenção do inimigo imperialista, ao passo que o de Fonseca opta por fomentar a crítica num elemento classista, numa oposição entre opressores e oprimidos. Sandino parece centralizar seu rechaço aos EUA: sem negligenciar o apoio das classes governantes nicaraguenses ao intervencionismo, e a traição que isso implica, Sandino passa a impressão de hierarquizar os inimigos. Seguindo essa lógica, o discurso sandinista priorizaria a crítica aos EUA, que por meio dessa narrativa podem ser entendidos como os “corruptores” e, portanto, responsáveis pelo entreguismo das classes dominantes

nicaraguenses. Fonseca, por sua vez, concentra-se em denunciar o “entreguismo vende-pátria” como produto da agência dessas mesmas classes governantes e sua relação de opressão com as massas, atribuindo a seu discurso um enfoque classista e direcionando-o para segmentos específicos da população. Zimmermann (op. Cit.) corrobora essa hipótese ao sustentar as diferenças discursivas entre Sandino e Fonseca:

Sandino, cujo alvo era a luta contra a intervenção estrangeira, pensava que o maior crime da oligarquia nicaraguense era ser *entreguista*. Fonseca pintava os setores liberais e conservadores da burguesia nicaraguense como unidos não apenas em seu servil apoio aos Estados Unidos, mas também em seu ódio e medo dos operários e camponeses nicaraguenses. (*idem, ibidem*, pp. 242-243)

1.1 Composição dos projetos políticos

Ao fazer menção à inconsistência ideológica dos contemporâneos de Sandino, Fonseca traz à tona duas questões importantes, relacionadas a elementos sociais de caráter interno e externo. De fato, a uma sociedade diferenciada e não-proletarizada como a nicaraguense da década de 1920, cabe pouca consciência de classe. Enquanto as zonas urbanas geravam emprego em empresas estadunidenses, a matriz social ainda era a camponesa, e encontrava-se em processo de expropriação pelo latifúndio, que ora se via também enfraquecido pela crise das oligarquias. Certos elementos desse contexto couberam a grande parte da América Latina, mas outros configuraram particularidades nacionais, como a supracitada proletarização tardia da Nicarágua e a ausência de enclaves bananeiros. Conforme Halperín Donghi,

Las tierras centroamericanas y Venezuela, dominadas por soluciones dictatoriales de base militar, muestran, sin duda, en esta etapa grandes diferencias. Notemos, sin embargo, un elemento común: la abundancia de las crisis productivas, la aparición tardía de los rubros de producción que se hacen dominantes, a veces la conquista de una parte de la tierra fértil por inversores extranjeros confluyen para provocar un debilitamiento de los grupos oligárquicos tradicionales; Cuba, en rigor no los tiene ya hacia 1930; en Santo Domingo, en Venezuela, en parte de Centroamérica continental estos grupos sobreviven a la pérdida de la mayor parte de su poder. (HALPERÍN DONGHI, op. Cit., p. 349)

No cenário nicaraguense em particular, o quadro diferenciado e pouco proletarizado significava que a população convivia com problemas parecidos, mas desencontrava-se ao eleger prioridades diferentes. Mesmo o intervencionismo estadunidense era objeto de pouca crítica, tendo em vista que os governos impostos eram respaldados por acordos com os partidos políticos Conservador e Liberal.

Seguindo a análise de Halperín Donghi, verifica-se que os territórios vizinhos também conviviam com a ameaça ou a imposição estadunidense. De acordo com o autor, esse é por excelência um período em que influências novas e velhas disputam o poder na América Latina, e torna-se perceptível não só o domínio militar dos EUA, mas também intervenções de caráter político e econômico, que vão desde a deposição de governos e tomada de poder até a imposição de empréstimos. A ameaça, portanto, era constante, extensiva e se fazia perceber em diferentes âmbitos da sociedade. Ainda que os contextos em geral apresentassem uma dicotomia entre predomínio oligárquico e hegemonia militar, processos variados foram observados nos países latino-americanos. Ao passo que Cuba e Costa Rica vivenciam uma independência e intervenção tardias, respectivamente⁸, e a seguir enfrentam a tutela direta dos EUA, países como a Nicarágua e Santo Domingo⁹ sofrem as consequências da hegemonia econômica e militar estadunidense sobre si. Outros territórios, como a Guatemala e Honduras, são observados mais indiretamente pelos EUA, apenas para preservar as ditaduras militares que garantem a reprodução do imperialismo.

Desse modo, a experiência noutro país tinha a oferecer a vivência da aplicação de soluções diversas na resistência e no combate ao imperialismo. A contribuição a Sandino foi dada por um México ainda convulsionado pela Revolução de 1910, onde ele trabalhava como mecânico de uma empresa estadunidense e de onde saiu com uma percepção ampliada sobre a extensão da ingerência externa e a resistência popular. Nessa época, Sandino tem também a oportunidade de conhecer Farabundo Martí, líder da guerrilha camponesa salvadorenha e um dos fundadores do Partido Comunista Salvadorenho¹⁰. Desse modo, sua proposta política só podia voltar-se a denunciar um quadro de fundo internacionalista e preocupado em resultar na identificação de um número massivo de nicaraguenses e na unificação de uma reivindicação não-intervencionista. A defesa da luta armada nesse cenário pode se explicar como resposta a governos ditatoriais e imposições políticas diversas, nacionais ou estadunidenses, que se robusteciam pela intensa repressão.

⁸Halperín Donghi explica que Cuba é tutelada pelos Estados Unidos, seu “conquistador e libertador”, e sofre ingerência militar e política direta principalmente a partir da imposição da Emenda Platt no texto constitucional de 1900, segundo a qual os EUA poderiam intervir em Cuba para assegurar a vida, a propriedade e a liberdade. Até esse momento, digladiam-se os partidos Liberal e Conservador, sendo o Liberal um agrupamento de quase todos os combatentes da Guerra da Independência e o Conservador um partido integrado por aqueles que defenderam até o fim o domínio espanhol. (HALPERÍN DONGHI, op. Cit., pp. 342-343)

⁹A primeira intervenção direta em Santo Domingo ocorreu em 1916, em decorrência de discordâncias políticas apresentadas pelo governo nacional. Em 1922, os EUA impuseram uma administração militar direta a Santo Domingo. (*idem, ibidem*, pp. 346-347)

¹⁰Zimmermann (op. Cit.) lembra que, após a determinação dada pelo Partido Comunista soviético de se opor aos movimentos social-democratas e nacionalistas, Sandino vê debilitado o apoio internacional com quem contava até então. Farabundo Martí é um dos aliados que se distanciam dele.

De acordo com o discurso sandinista a opressão é em geral um produto da intervenção e do imperialismo. O interesse que redundou na ingerência “daqueles que queriam escravizar-nos”¹¹ teriam sido as riquezas naturais da Nicarágua e sua posição estratégica - “ponto de reunião do mundo”¹², de acordo com Sandino. À exceção da menção à “escravização”, Sandino pouco relata as condições de trabalho a que eram submetidos os nicaraguenses, e sua conclamação a toda a população refere-se ao benefício do fim da intervenção. Diz Sandino:

Ânimo, nicaraguenses! Eles, os bárbaros do norte, querem despedir-se de vós deixando suas bofetadas impressas em vossas faces. Pois bem: que a ação reivindicadora não demore mais, e que se cobre a conta golpe por golpe, olho por olho, e assim saibam os ianques o respeito que se deve à liberdade dos povos. (SANDINO. Ânimo, Nicaraguenses (1929). *In*: SELSER, op. Cit., p. 86)

O caráter de classe nos pronunciamentos de Sandino está presente somente na medida em que seu chamamento se dá àquelas parcelas da população oprimidas por medidas antipopulares determinadas ou realizadas pelos EUA. Ou seja, é possível falar em conteúdo de classe nesses discursos, já que os principais afetados pelo intervencionismo são os grupos que deflagram frágeis condições de vida, mas a deliberação e a responsabilidade das classes dominantes nicaraguenses em prejuízo da população nacional são menos exploradas por Sandino, e são percebidas mais como instrumentos do imperialismo estadunidense e como atitudes de homens que deixaram de ser nicaraguenses por interesses individuais.¹³ Da mesma forma, se pode considerar o que dizem Stédile & Baltodano, ao resumirem o pensamento de Sandino:

o [pensamento] de um camponês que se tornou político na luta e que em meio à luta encontrou as formas de expressão política de seu pensamento, com base em um interesse fundamental que era seu interesse de classe; porque também é necessário ver ao lado de quem esteve e contra quem esteve para definir sua verdadeira posição. (STEDILE & BALODANO, op. Cit., p. 117)

Logo, o conflito de classes expressado por Sandino relaciona-se mais com o modo como ele se posiciona no confronto e com a defesa de uma ruptura com a opressão, retratada em termos de uma oposição entre imperialistas e oprimidos pelo imperialismo, e não de uma luta de classes permeada por uma relação de produção. Nesse caso, é possível afirmar que Sandino opta por priorizar a crítica aos EUA, e mantém uma crítica menos aprofundada aos grupos

¹¹SANDINO, Augusto César. Primeiro Manifesto Político, 1927. *In*: SELSER, op. Cit., p. 60.

¹²*Idem, ibidem*, p. 60.

¹³Os textos compilados por Selser (op. Cit.) demonstram que a crítica às classes dominantes nicaraguenses é gradualmente desenvolvida no discurso sandinista. Os textos em que aparece de forma secundária são principalmente os primeiros, entre 1926 e 1930.

nicaraguenses alinhados com os EUA, pois por um lado estes comporiam, pela origem, a totalidade da população nicaraguense oprimida pelo imperialismo, e por outro, são mencionados sempre como “traidores” e “bastardos”, ou seja, como elementos que deixam ou que preferem não se integrar à identidade nicaraguense ao aderirem às intervenções.

O discurso sandinista faz também distinção aos camponeses, a quem fala mais diretamente, muito por conta da identificação de Sandino com essa fatia da população, de extração pobre e rural. Entre suas propostas, está a propriedade estatal da terra e o regime de cooperativa, dos quais os camponeses seriam beneficiários diretos. Sandino justifica-se reafirmando sua intenção de lutar para que todos tenham trabalho, e assinala a importância da adesão estudantil ao movimento, pois esta significaria o aporte intelectual ao exército guerrilheiro. Desse modo, menciona também a participação de operários e estudantes, mas dirige-se majoritariamente aos camponeses, proclamando-se como um deles. Aliás, é essa identificação um dos pontos centrais do uso político que a Frente Sandinista fará mais a frente, sob a liderança de Carlos Fonseca, da figura e da ideologia de Sandino.

Carlos Fonseca, ao definir a composição de seu projeto político, deixa claras suas próprias origens e as características do país em um período que os sandinistas chamam de “descenso revolucionário”¹⁴, e que se caracterizou pela dispersão dos protestos políticos e dos movimentos oposicionistas no período que se estendeu desde a morte de Augusto César Sandino até a morte de Somoza Garcia e a eclosão da Revolução Cubana. Analisar as características desse momento é fundamental para entender porque o foco da oposição de Sandino é diferente do escolhido por Carlos Fonseca. Numa sociedade marcada pelo governo ditatorial da família Somoza, que promove a continuidade do alinhamento com os EUA, com um nível de proletarização mais alto, maior contingente populacional na zona urbana em relação às primeiras décadas do século XX¹⁵ e ecos de um acirramento da luta contra o imperialismo, ilustrado pela Revolução Cubana¹⁶, o deslocamento da crítica a que recorre Fonseca responde a essas mudanças contextuais. Nesse sentido, Fonseca, de extração operária

¹⁴Humberto Ortega, membro da Frente e integrante da Tendência Insurrecional, traça um panorama do sandinismo no livro “50 anos de luta sandinista” (op. Cit.). Segundo o relato de Ortega, o descenso revolucionário situa-se entre 1934, com a morte de Sandino, e 1956, quando Somoza Garcia é morto por Rigoberto López Pérez e tem início a primeira célula marxista no meio acadêmico nicaraguense. Outros autores, como Fonseca, também fazem menção a esse período.

¹⁵Pérez Brignoli (op. Cit.) menciona que, na década de 70, 31% da população nicaraguense residia na cidade. Na década anterior, o percentual de habitantes da zona urbana era de 13%. O número, segundo o autor, supera os índices da Guatemala, de El Salvador, de Honduras e da Costa Rica para o mesmo período. Vilas (op. Cit.) explica, por outro lado, que o incremento populacional na zona urbana não foi acompanhado pela criação de setores produtivos e infraestrutura. A situação caracterizou um claro predomínio de atividades com menor grau de formalização e carentes, portanto, de pautas gerais e institucionais.

¹⁶ORTEGA (op. Cit.), VILAS (op. Cit.) e ZIMMERMANN (op. Cit.).

mas tendo experienciado a universidade, volta-se mais diretamente para a denúncia de um embate classista. Para tanto, seu chamamento se dá a operários e camponeses - e também a estudantes, sempre referidos como possíveis elementos de vanguarda da luta revolucionária, assim como o foram para Sandino. Enquanto apresenta mais desenvoltura para lidar com o público estudantil, do qual faz parte, faz uso da figura de Sandino e das condições precárias da Nicarágua para captar a atenção dos setores da população que se identificam com o líder operário-camponês. Em texto de 1968, Fonseca cita índices para evocar os problemas que afetam a população, mencionando a alta mortalidade infantil, as epidemias de poliomielite e tuberculose, a relação de mais de 50% das disfunções com menores de 14 anos, e a evasão escolar no primeiro ano, que corresponderia a 73% dos estudantes (FONSECA, 1982, p. 248)¹⁷.

A oposição a partidos políticos chamados por ele de tradicionais e a denúncia recorrente a práticas do governo permitem que se diga que para Fonseca o inimigo é interno. Desse modo, ainda que conclame a população nicaraguense em geral, seu discurso é mais concentrado nas classes oprimidas pelo somozismo e pela integração da Nicarágua ao capitalismo. Numa sociedade em processo de proletarização, Fonseca sugere que todos os combatentes ou interessados em integrar à FSLN participem da atividade guerrilheira, para que possam se proletarizar. Segundo ele,

'A proletarização – disse a outros dirigentes da FSLN em 1972 – não se trata apenas de uma identificação ideológica com os interesses do proletariado, mas também da adoção, por parte do militante, do espírito de vida proletário: empenho no trabalho, modéstia, abnegação, honestidade.' Uma educação pequeno-burguesa, pensava ele, tendia a produzir uma conduta egoísta, falta de autodisciplina, arrogância, apego à propriedade e ao consumo e até promiscuidade sexual. (ZIMMERMANN, op. Cit., p. 284)

Interessante notar que essas características são todas integrantes da rememoração de Sandino enquanto proletário e que, ao expor a proletarização por seu pretense caráter moral, o autor parece justificar seu próprio pertencimento ao proletariado, já que Fonseca não foi de fato um operário nicaraguense, tendo realizado trabalhos esparsos ao longo da vida, especialmente em períodos de recesso universitário. Logo, se ele era incapaz de compartilhar da vivência proletária, poderia assimilá-la ao seguir sua moralidade. Novamente, o uso da figura de Sandino parece fundamental à aproximação com os grupos com que Fonseca não tem

¹⁷Outros índices estão presentes em textos de Fonseca, como em “Nicaragua Hora Cero”, de 1969, em que o autor traça um completo panorama da Nicarágua para fundamentar sua opção revolucionária (*In*: FONSECA, op. Cit., pp. 75-95).

familiaridade. De acordo com Zimmermann (op. Cit.), o apelo de Sandino aos camponeses residia justamente em sua fama de homem humilde e incorruptível, que o diferenciava de outros líderes políticos. Para a autora, “Fonseca se identificava pessoalmente com os elevados princípios morais de Sandino e buscou segui-los. Omitia, nas descrições de seu herói, aspectos antagônicos a seu próprio código de conduta, que desejava que sua tropa seguisse.” (ZIMMERMANN, op. Cit., pp. 241-242)

Uma crítica importante exercida por Fonseca em sua tentativa de conquistar a adesão da população nicaraguense é a que se relaciona com o Partido Socialista Nicaraguense, fundado em 1944. Segundo o autor, era preciso marcar a oposição entre a Frente Sandinista e o Partido, tendo em vista a linha browderista¹⁸ adotada pelos socialistas e seu alinhamento ao somozismo, em decorrência de pragmatismo e do interesse em seguir um posicionamento contrário ao do Partido Conservador, que era naquele momento a principal força oposicionista na Nicarágua. Desse modo, Fonseca preenche seus discursos com a preocupação de explicitar a opção política da Frente pela linha marxista-leninista, para diferenciá-la dos “pseudo-marxistas”, conforme sua denominação. Zimmermann (op. Cit.) assinala que, após a divisão da FSLN em tendências, essa crítica se estende a elas. Em dado momento, por exemplo, Fonseca dirige-se à Tendência Proletária para criticar sua negligência às necessidades de todos os nicaraguenses que não fossem operários e por revestir sua filiação marxista de “economicismo conservador” (FONSECA *apud* ZIMMERMANN, op. Cit., p. 265). O papel do líder na disputa entre as tendências é, aliás, pouco explicado, em virtude de ele ter tecido críticas a todas elas. Segundo a autora, Fonseca “contrapunha ao esquema um tanto abstrato e sem vínculos com o cenário nacional das três tendências uma perspectiva de insurreição futura voltada especificamente para a Nicarágua” (op. Cit., p. 259). Entretanto, os debates que marcam esse momento são profícuos em apontar caminhos distintos no que se refere à priorização da guerrilha rural ou do trabalho político junto à zona urbana, às alianças nas quais a Frente deveria investir e também a opções por correntes marxistas diferentes. Zimmermann explica que, ao contrário de outros países da América Latina, em que diversos grupos esquerdistas segmentaram a política oposicionista, a FSLN conseguiu manter diferentes posicionamentos sob um mesmo domínio. A autora atenta para a correspondência

¹⁸Earl Browder, secretário geral do Partido Comunista estadunidense, foi o responsável pela assunção de uma visão de comunismo atrelada ao patriotismo. Para ele, desde que o patriotismo fosse entendido como a defesa do melhor para a maioria dos trabalhadores de um país e instrumento de conciliação entre as classes em disputa, os comunistas teriam de ser os melhores dentre os patriotas. Com isso, Browder previa a consolidação da democracia burguesa, considerando sua maturidade como o elemento que facilitaria a luta em direção ao socialismo, de acordo com a posição leninista. Logo, a conciliação do Partido com as classes dominantes era uma etapa que antecedia o advento do socialismo (DELEON, 1979).

dessa segmentação com o ambiente político que se modificara muito em relação à década de 1960. Entre os exemplos disso, destaca o auge da influência político-ideológica soviética sobre Cuba e a vitória de outra via de socialismo no Chile, onde Salvador Allende apontara para a opção eleitoral, bem menos custosa do que a luta armada. Nesse cenário, de certo descrédito das experiências armadas na América Latina, de vitória de duas estratégias diversas, a cubana e a chilena, a Frente também passa a reivindicar suas opções. E a escolha feita por Carlos Fonseca é o distanciamento dos embates entre as tendências, em benefício de um projeto que incluía a atividade guerrilheira – e concedia a ela grande destaque – mas sustentava também a importância da atividade política junto às bases da FSLN e à população que poderia aderir à militância. Por exemplo, se para a tendência Guerra Popular Prolongada parecia fundamental manter o combate a qualquer custo e pelo tempo necessário a adquirir o apoio da massa conscientizada, para Fonseca o combate desnecessário e longo deveria ser evitado. Se para a Tendência Insurrecional o discurso tinha de ser combativo e o trabalho com a massa urbana ficava em segundo plano, para Fonseca mesmo a violência discursiva deveria ser contida, para evitar a agressão sem embasamento e a indisposição com apoiadores menos combativos.

Fonseca aconselha, por fim, a adoção pelos integrantes da Frente, particularmente os estudantes, de uma postura ativa no interior da guerrilha e no trabalho de promoção da FSLN junto à população. Enquanto sugere que camponeses e operários desenvolvam suas reivindicações diretas e conquistem novas condições de vida por meio da revolução, defende para os estudantes, mais familiarizados com o estudo das teorias e das condições de desenvolvimento da Nicarágua, uma posição de vanguarda e até afastamento da universidade, que é considerada por Fonseca como local de disseminação do ideal burguês e imperialista.

1.2 Libertação nacional e emancipação social: o conteúdo dos projetos políticos

Após a morte de Carlos Fonseca, em 1976, a Frente Sandinista sofreu diversas alterações em seu projeto político até a tomada do poder, em 1979. Dentre as maiores, o agravamento da divisão entre tendências que divergiam, principalmente, a respeito da base de apoio da Frente e das medidas políticas que deveriam ser prioritariamente reivindicadas. Invernizzi (1985) demonstra em entrevista realizada com líderes sandinistas após a eclosão do processo revolucionário que outra alteração permitia o distanciamento da Frente em relação aos preceitos defendidos por Fonseca: para os sandinistas pós-revolucionários, a revolução

nacional precedia a revolução social. Assim, a ruptura com o intervencionismo e a integração dependente ao capitalismo deveriam anteceder um processo de rompimento com a sociedade classista e desigual. O movimento igualmente se distanciava de seu líder formador ao imprimir sectarismo entre os grupos, risco sobre o qual Fonseca alertara de forma recorrente em seus textos e discursos¹⁹. Dentre as tendências da FSLN, por exemplo, uma delas, a Tendência Insurrecional – ou Terceirista, advogava pela necessidade de agregar diversos públicos, de orientações políticas diferentes, sob a liderança da Frente, para assim consolidar a revolução nacional. Essa orientação era uma visão distorcida da posição pretendida por Fonseca: de acordo com Zimmermann (op. Cit), ele enfatizava que alianças com a burguesia deveriam ser de curto prazo e realizadas apenas se a Frente pudesse se apresentar claramente como a liderança da luta contra Somoza e se possuísse bases consolidadas entre as classes populares, o que ocorreu de forma controversa, na medida em que a FSLN enfrentou dificuldades na interação com as massas camponesas, por exemplo, mesmo após 1979.

Tais modificações, ao passo que se distanciam das proposições de Fonseca, que eram calcadas em uma análise marxista do contexto nicaraguense, aproximam-se das de Sandino, para quem era preciso, conforme já foi mencionado, expressar a oposição por meio da união de forças diversas. Sandino, aliás, defende a permanência de um estado liberal no território nicaraguense, mas de política externa dissociada da ingerência estadunidense. Desse modo, o discurso sandinista é fundamentado numa opressão que se dá pelos EUA e pelas classes instrumentalizadas pelos EUA. Selser (op. Cit.) acredita, inclusive, que um importante fator para o desarmamento do Exército Sandinista e a posterior morte de seu líder foi a ilusão de Sandino de que a expulsão das tropas estadunidenses bastaria para propiciar mudanças sistemáticas no modelo político e econômico adotado pela Nicarágua. Com isso, ele teria deixado entrever que cria num desenvolvimento popular, alavancado a um espaço de poder sem, no entanto, representar a necessidade de uma revolução política.

A partir dessa concepção, Sandino expõe os pontos principais de seu pensamento político: a necessidade de conquistar a liberdade política nicaraguense, por meio do combate à ingerência estadunidense e às elites nacionais alinhadas ao intervencionismo; a afirmação da nacionalidade nicaraguense, em termos de oposição ao Norte e rechaço do “entreguismo” das classes dominantes; a liberdade popular, fundamentada no fim da repressão pela Guarda

¹⁹Já em 1960, Fonseca discorre sobre o que considera o “perigo do sectarismo”. Conforme o autor, “Debemos de tener el cuidado de saber distinguir entre las diversas fuerzas políticas del país, los elementos que coinciden con nuestras aspiraciones, aunque esa coincidencia sea mínima. El sectario se empeña en ver solamente lo que diferencia y lo que separa” (FONSECA, op. Cit., pp. 34-35).

Nacional e no fim da ingerência externa; e a justiça, no que consiste o elemento em que se observa o conteúdo de classe do discurso sandinista. Novamente, é plausível afirmar que, se o discurso de Sandino não se aprofunda no que diz respeito ao desenvolvimento de uma revolução de cunho social e ao conteúdo de classe, isso se dá por uma questão de extração desse ator e de seu entorno: Sandino forjou seu pensamento na prática, e numa experiência diferente da vivência de classe homogênea. Entre os personagens com quem Sandino teve contato, situavam-se operários de empresas estadunidenses e pequenos agricultores que mantinham suas propriedades sob a pressão da concentração fundiária; ou seja, atores de espaços diferentes na sociedade. Não é possível falar de proletarização ou mesmo de uma classe operária nesse contexto. Vilas (op. Cit.) aponta que ainda na década de 1960 a Nicarágua vivencia uma fase inicial do processo de proletarização. Logo, se faz necessário ter cautela quanto à análise desse contexto, para não reivindicar para Sandino um conteúdo que não corresponde a sua realidade.

Pelo exposto, é importante também destacar a centralidade da atividade guerrilheira no modo de operação sandinista: a agressividade da repressão ao Exército Sandinista de Libertação da Nicarágua, bem como a outros focos de atividade oposicionista, somada ao fato de que a oposição “formal” representada pelo Partido Conservador optou por acordos para manutenção do *status quo*, foram fatores determinantes para Sandino sobrepor a atividade guerrilheira a qualquer outra possibilidade de embate. Nesse ínterim, a luta adquire traços de combate por vida ou morte, que não são específicos da Nicarágua, se considerado o contexto latino-americano em geral, mas bastante agravados nesse território (VILAS, op. Cit.). Tal aspecto fica claro pelas disposições de Sandino em seu discurso, a partir do qual defende a escolha entre a luta e a convivência e expõe a integração ao Exército Sandinista sempre como uma opção ao alinhamento com intervencionistas e “traidores da pátria”.

Dessa característica específica da luta sandinista é feito largo uso político pela Frente Sandinista, de acordo com as proposições de Carlos Fonseca: do mesmo modo, a guerrilha é representada como a escolha de todos aqueles que não se alinham ao modelo vigente ou exercem uma oposição passiva. A ambos cabem críticas de Fonseca, que dá destaque em seus pronunciamentos e textos ao diálogo com os grupos que “apenas entregam panfletos”²⁰, procurando demonstrar que a adesão à guerrilha será muito mais eficaz à oposição do que a atividade de divulgação junto a população, quando realizada de forma isolada. Curioso notar que membros da Frente Sandinista, em declarações posteriores à eclosão da revolução,

²⁰FONSECA, op. Cit.

mencionam que num primeiro momento a Frente incorreu no erro de empregar todos os seus esforços na guerrilha, sem atentar para a importância da comunicação com as massas oprimidas. O deslocamento do eixo de combate ocorre apenas ao final da década de 1960, quando, após a derrota da guerrilha em Pancasán, em 1967, a Frente opta por empreender a divulgação de suas reivindicações junto à população de forma concentrada, enquanto prepara-se para novos focos guerrilheiros. Fonseca também admite o erro de ter persistido na guerrilha enquanto não havia uma base consistente de apoio à Frente, que pudesse amparar a atividade guerrilheira e reproduzir os quadros combatentes, acossados pelas constantes mortes em batalha. A partir daí, já no momento que compreende essa análise, as declarações de Fonseca enfatizam a importância que possui o apoio da população e sua integração ao trabalho da Frente, mas seguem fundamentando a atividade da FSLN na guerrilha, ressaltando inclusive a possibilidade de estender essa prática, até o momento restrita ao ambiente rural, à área urbana, numa tentativa de integrar ambas e fortalecer a divulgação da Frente entre as áreas mais povoadas (ZIMMERMANN, op. cit).

Ao longo de sua militância no movimento estudantil e na FSLN, Fonseca adapta seu pensamento às circunstâncias: em um primeiro momento, o líder sandinista procura não se filiar a uma análise teórica marxista e exerce sua crítica à ditadura somozista e à ingerência estadunidense, bem como aos instrumentos usados por ambas, como a Guarda Nacional. Seu discurso parece ater-se mais na crítica das ilegalidades cometidas pelos grupos dominantes no território nicaraguense. As consequências de uma economia errática e de uma política mal conduzida são tratadas por ele, mas mais necessariamente enquanto produtos das escolhas políticas desses mesmos grupos. Para o sandinista, é momento de unir forças em oposição ao somozismo e aos EUA, e nesse contexto, liberais, conservadores e marxistas são úteis ao fortalecimento da oposição, desde que se use, dentre seus preceitos, apenas aquilo que referir medidas populares. Em carta de 1964, publicada em León, Fonseca defende a unidade entre propostas diferentes:

Yo pienso que el revolucionario nicaraguense debe abrazar una doctrina que conduzca en forma victoriosa al pueblo de Nicaragua hacia la liberación. En mi pensamiento acojo la médula popular de las distintas ideologías; del marxismo, del liberalismo, del socialcristianismo (FONSECA, 1982, p. 235)

Nesse mesmo texto, em que acusa a ditadura somozista por sua prisão, enumera os pontos de cada um desses modelos que seriam favoráveis à revolução: do marxismo, se poderia herdar a interpretação dos problemas sociais, a severidade com os ricos e a capacidade de diálogo com

as massas. A defesa do indivíduo, cabível ao liberalismo, seria útil para impulsionar a militância das elites. A proteção contra a cooptação reacionária seria, conforme o documento, o principal motivo para uma união de forças do sandinismo com o social-cristianismo.

Um Carlos Fonseca diferente conclamará estudantes universitários a unirem-se à guerrilha em benefício de uma vivência proletarizada que lhes fornecerá elementos para embasar a luta pela emancipação social. Este é já um dirigente da Frente Sandinista, interessado numa perspectiva revolucionária e num embate marcadamente classista. Ainda, é ator numa luta que se acirra com o exemplo cubano e a repressão que dele decorre, e que pode novamente contar com apoio de outras nações (não necessariamente latino-americanas), à dessemelhança de Sandino, que no momento final de sua luta vê com olhos críticos o isolamento em que foi posta a Nicarágua pela mídia e pela política internacionais alinhadas aos EUA. Nesse contexto, o líder sandinista estende sua crítica ao que considera “pseudo-marxistas” e “pseudo-revolucionários”, em grande medida representados pelo quadro do Partido Socialista Nicaraguense. A orientação do PSN de aliar-se às classes dominantes em benefício de um projeto conciliatório é vista por Fonseca como uma negação dos interesses das classes populares e da revolução e contribui para fundamentar sua decisão de propor que a Frente Sandinista explicita sua filiação marxista-leninista. Essa opção contribuiria para que o povo pudesse diferenciar os verdadeiros marxistas dos falsos, e assim renovasse sua confiança no projeto revolucionário por meio do apoio à Frente Sandinista²¹. Contudo, a escolha de um posicionamento mais seletivo e crítico não implicou o sectarismo que será observado quando da divisão entre as tendências, e a Frente mantém seu chamado a todo o nicaraguense oprimido que estiver disposto ao combate revolucionário:

Sean cuales fuesen las diferencias entre los nicaraguenses, cada uno tiene lugar en las filas del Frente Sandinista; tal característica es compatible con la posición de vanguardia del sector que se identifica con la clase obrera y la clase campesina y que se guía en la acción con la filosofía del socialismo científico. Es fundamental en el Frente Sandinista la unidad entre los verdaderos revolucionarios y los verdaderos cristianos, es la unidad que forjaron, fusil en mano, de la América oprimida, el comandante Ernesto Che Guevara y el sacerdote Camilo Torres. (FONSECA, op. Cit., pp. 271-272)

Para contribuir no diálogo com essas populações e atender à solicitação de Fonseca, a

²¹Nesse ponto, instaura-se um debate a respeito dos rumos da Frente, tendo em vista que a opção por uma postura abertamente marxista-leninista não era unanimidade entre os quadros. Fonseca explica que essa desconfiança se devia ao papel que representara até então o setor “marxista” formalizado na luta popular nicaraguense, um papel de alinhamento com o governo somozista. Tal fator somava-se ao “atraso ideológico” nicaraguense. Entretanto, Fonseca cria na possibilidade de a população diferenciar os falsos marxistas dos verdadeiros marxistas.

Frente lança seu programa, que se baseia em grande medida nas prioridades elencadas nas manifestações de seu chefe político e militar. Conforme o documento de 1969, 15 pontos eram tornados centrais numa eventual tomada de poder pelos sandinistas. Dentre estes, são enumerados o combate guerrilheiro, a terra para os camponeses, a extinção do tratado Chamorro-Bryan, a emancipação das mulheres, um plano especial de ocupação da costa atlântica nicaraguense, a formação de um exército patriótico popular, o apoio às lutas por libertação nacional em outros países, a veneração dos mártires, a política exterior independente e a unidade popular centro-americana. Importante ressaltar que Fonseca, ao assinar uma declaração da Frente a respeito de seu programa, explica o posicionamento político do grupo como uma conjugação entre a reivindicação socialista e a emancipação nacional. Ressalva, entretanto, que a Frente não se furta de fazer a crítica devida às experiências socialistas. Com isso, anuncia o interesse da FSLN de usar um repertório de termos que escape aos clichês revolucionários e que demonstre a existência de vocabulário adequado à experiência particular da Nicarágua. Tal disposição pode servir tanto a um esforço de distanciar a Frente dos erros de outras experiências socialistas – desacertos que Fonseca não nega, mas considera exceções – como a um intento de “veneração dos mártires” e valorização da história e da identidade nacionais. A segunda possibilidade fica explícita pelo discurso de Fonseca, quando menciona “la conveniencia de buscar en la cultura nacional del pasado, las expresiones patrióticas y contra la explotación, y difundir con amplitud tales citas.” (FONSECA, op. Cit., p. 99). Considerando esse aspecto, tornava-se central a necessidade de elencar personagens nacionais com os quais a população pudesse se identificar, e Sandino, por sua extração, vivência e reivindicação, próximas tanto da realidade do operariado quanto do campesinato, torna-se elemento-chave para reforçar a evocação à nacionalidade nicaraguense por meio de sua própria história e da de seus “filhos”. Diversos pontos do Programa da FSLN, em decorrência disso, apontam para uma continuidade das aspirações declaradas por Sandino – entre eles a unidade centro-americana, que não se relaciona com o projeto de Fonseca, como se verá no capítulo seguinte dessa análise. Com isso, afastam-se outros personagens, como o poeta Rigoberto López Pérez, responsável pela morte de Somoza García, e é plausível supor que em parte isso se deva a sua posição social de intelectual – portanto, mais distante da realidade do povo oprimido a quem fala a FSLN. Também é possível lembrar que, diferente de Sandino, Rigoberto morreu em consequência de seu ato, ou seja, foi punido por um crime praticado, ao passo que Sandino se cristalizou como uma vítima inocente de criminosos dirigentes a que tanto ele como a Frente fizeram oposição

desde o início. Some-se a isso o fato de que Sandino foi, segundo a crítica sandinista, ocultado da memória do povo como um herói para surgir como um “bandoleiro sanguinário”²². Desse modo, o estímulo ao resgate de sua figura se propunha a pelo menos dois propósitos: o de firmar um discurso de oposição, que incluía negar o modo como Sandino estava sendo retratado pelas classes governantes, e o de estimular identificação e adesão populares com a Frente por meio da apropriação de Sandino como símbolo de resistência e opressão.

Cabia à FSLN revitalizar a imagem de Sandino e, sempre movida por um ideal de continuidade do processo iniciado por ele, concluir a missão de libertar a Nicarágua do jugo do imperialismo estadunidense e de um governo que correspondia às intenções desse projeto político externo. A ideia da continuidade perpassa toda a trajetória da FSLN: enquanto Fonseca exercia a liderança do grupo, ocorre a inserção da figura de Sandino entre os símbolos da Frente e tem início um trabalho de conscientização perante as massas do ideal político sandinista, sempre evocando seu perfil e demandas de classe. Fonseca publica em 1972 um texto cujo título, “Sandino: guerrillero proletario” (FONSECA, op. Cit., pp. 368-384), dá conta da centralidade desse aspecto na luta sandinista e proclama Sandino como símbolo de alcance supranacional. Após a morte de seu principal líder, a Frente Sandinista segue a disposição de venerar os heróis nacionais e inclui em suas homenagens e representações imagéticas o próprio Fonseca, que aparece lado a lado com Sandino. Entretanto, em termos de conteúdo e propostas, a Frente passa a um debate mais acalorado a respeito de quem poderia compor o projeto sandinista, e parte da causa da divisão em três tendências é a discordância entre uma visão mais conciliatória, que propõe a coalizão com outros segmentos da sociedade nicaraguense, e outra mais classista, que defende a manutenção de uma aliança composta pelo operariado e pelo campesinato. Curiosamente, ambas seguem reflexões de Sandino: ao passo que uma opta por buscar o apoio da população oprimida, a outra prevê uma abertura programática de caráter mais liberal. É Carlos Fonseca quem, paradoxalmente, parece distanciar mais a Frente do ideal de Sandino, ao pregar a emancipação social para além da expulsão dos interventores estadunidenses e reconhecer que a FSLN extravasa o tom patriótico do primeiro embate, ainda que enfatize a luta proletária empreendida por Sandino e seu caráter revolucionário.

Desse modo, a reflexão de Ramírez serve a guisa de conclusão desse capítulo, feitas as ressalvas ao fato de que o autor possui vinculação direta com a FSLN, tendo sido vice-

²²ZIMMERMANN, Op. Cit.

presidente da Nicarágua em um dos mandatos de Daniel Ortega na década de 1980. De acordo com ele,

Se analisássemos essa concepção da luta [de Sandino] com um critério imediatista, iríamos considerá-la um fracasso. Mas se tomarmos a epopéia de Sandino como a base de uma luta histórica, que sequer começa ali, mas que tem antecedentes em todo nosso passado de resistência popular, então, verdadeiramente, ela adquire uma dimensão de eixo na história da libertação da Nicarágua: uma luta que vai desembocar mais tarde na Frente Sandinista. É por isso que a luta sandinista de 1927 a 1933 deve ser considerada como a matriz de uma dinâmica histórica, que esteve sempre permeada pelo pensamento de Sandino, expresso em suas concepções reais: o antiimperialismo, sua posição antioligárquica, seu critério sobre a transformação integral do país, concebida em termos de justiça social; visto, sobretudo, como um pensamento de raiz popular, que encarna uma posição popular e interpreta uma posição popular, a posição dos mineiros, dos artesãos, dos agricultores sem terra, dos pequenos proprietários, de todos os que estavam lutando com Sandino naquele momento (RAMÍREZ *apud* STEDILE & BALTODANO, op. Cit., p. 123)

Dito isso, e em que pese a presente análise discordar de que Sandino pretendeu uma “transformação integral do país”, por exemplo, acredita-se que Ramírez, ao expor os eixos do pensamento sandinista, enuncia particularmente as facetas que se mantiveram na luta da FSLN. Um tanto mais classista, evocando explicitamente o pensamento marxista em seu período de consolidação e voltada em certa medida a um público mais específico, já em processo de proletarização, a Frente Sandinista demonstra em seu projeto político uma reverência ao pensamento de Sandino e reafirma-se como força mantenedora da luta que seu mentor e símbolo havia empreendido três décadas antes.

2. SANDINO E FONSECA SOB A NOÇÃO DE ONDAS DE PENSAMENTO: IDENTIDADE E USOS POLÍTICOS DO PASSADO

Dois aspectos da luta de Sandino e Carlos Fonseca formam o eixo de indagação deste capítulo. Um deles refere-se a como cada um entendia a luta nicaraguense, se como um embate peculiar e exclusivo do território nacional ou se como uma batalha que se encontrava amparada em contextos semelhantes. O outro questionamento insere-se nas discussões latino-americanas a respeito de uma unidade e um conceito de *Nuestra América*, que desde os pronunciamentos de Bolívar se desenvolvem diacronicamente na América Latina, na medida em que pretende entender como os atores centrais dessa análise encaravam a luta nicaraguense e suas possibilidades de inserção em um debate particular ou internacionalista.

Sandino e Fonseca concordam num ponto: a Nicarágua tinha de mostrar suas singularidades por meio da luta anti-imperialista e para tanto tinha de fortalecer sua oposição em relação aos EUA, por meio de suas peculiaridades culturais, políticas e econômicas. Mais que isso, a luta tinha de fortalecer a unidade e a identidade do povo nicaraguense para contribuir à construção da autonomia nacional, o que foi característica geral dos processos vivenciados na América Latina. Para de La Peña, “La creación de una red de relaciones que trascienden diversos grupos, clases y categorías sociales es el rasgo central de un largo y complicado proceso de construcción nacional, un proceso de discusión y negociación” (DE LA PEÑA *in* BETHELL, 1997, p. 194).

Entretanto, ambos possuem propostas diferentes para dar conta dessas preocupações. Sandino é um dos homens que, nas décadas de 1920 e 1930, vê florescer o esforço de proclamar uma cultura que pudesse ser entendida como legitimamente latino-americana. Nisso, tem parte importante a valorização da população autóctone, do ancestral indígena e das tradições desarticuladas pela ininterrupta intervenção. Sandino é um homem de combate, e no combate vê um fator de unificação entre os povos latino-americanos. A luta a qual recorre se repete por meio de vários focos de resistência: a América Latina assiste a séculos de exploração material e humana, e em dado momento opta pela reação, conforme amadurecem seus grupos políticos e seu capitalismo dependente dos mercados externos. Assim sendo, Sandino toma para si posição de destaque e liderança num embate supranacional e que teria entre seus efeitos o debate sobre a possibilidade de uma América Latina politicamente unida. Alguns fatores dão destaque a Sandino: o contorno dado por ele à resistência nicaraguense é

tido pela FSLN, posteriormente, como a primeira ocorrência de uma guerrilha na América Latina. Da mesma forma, Sandino é rememorado por seus discípulos como um dos primeiros líderes da luta armada organizada em território latino-americano.

Carlos Fonseca, por outro lado, tem diante de si um conflito agravado entre Norte e Sul em decorrência da ameaça concreta da Revolução Cubana. A união de forças torna-se elemento central de uma resposta às agressões externas, tornadas recorrentes pela pretensão de conter os avanços da Revolução. Apesar disso, a preponderância da influência soviética sobre alguns Partidos Comunistas nacionais não é unânime entre os líderes latino-americanos, e Carlos Fonseca integra o grupo que critica fortemente as medidas estimuladas por Moscou. Somada a isso, a necessidade de consolidar uma identidade nacional contribui para que o discurso de Fonseca pareça sempre mais interessado em discutir o cenário nacional e as singularidades nicaraguenses do que a possibilidade de reunir forças supranacionais.

Para desenvolver esse ponto da análise, duas discussões serão importantes: a primeira delas diz respeito ao desenvolvimento de uma filosofia política latino-americana, voltada à crítica das intervenções sofridas e do processo de repressão e aculturação das populações autóctones. Para tal, utiliza-se a proposta de Zea (1993), que inclui a discussão a respeito da noção de “complexo de bastardia” e as propostas apresentadas por líderes latino-americanos em torno de um projeto de “*Nuestra América*”. Por meio deste projeto, que visa destacar a América Latina de uma América totalizante e supostamente indiferenciada (em conformidade com a Doutrina Monroe e o projeto panamericanista, por exemplo), novas visões apontam para a valorização do homem latino-americano, de sua cultura, ancestralidade e tradição. A identidade camponesa e a figura do ameríndio são alguns dos elementos que marcam essa nova percepção. Sendo cabíveis a Sandino e Carlos Fonseca, julga-se que essas discussões e características são adequadas à presente análise.

Do mesmo modo, o capítulo menciona a noção de “ondas identitárias” (DEVÉS VALDÉS, 1997), com a qual se pretende localizar Sandino e Fonseca no tempo sob a perspectiva das ideias que lhes foram contemporâneas. A partir da temporalidade e da caracterização presentes na análise de Devés Valdés, serão traçados também o contexto e a convergência dos pensamentos de Sandino e Fonseca com as discussões em torno da construção da identidade latino-americana.

2.1. Pensares sobre *Nuestra América*

A identificação da América Latina consigo ocorre de forma tardia. Seu desenvolvimento econômico e sua integração ao capitalismo são percebidos de fora para dentro, a partir de imposições externas e da exploração dos recursos naturais e humanos. Heranças culturais se justapõem, constantemente ameaçadas pela imposição de modelos culturais estrangeiros, e a dominação política se faz presente para apaziguar possíveis descontentamentos, reprimir e evitar restrições à economia agro-exportadora. Tudo isso contribui para que a América Latina, por um longo período, observe o desgaste de seus recursos e apresente dificuldades para formar uma economia nacional, do mesmo modo como assiste ao saque de sua autonomia política. Zea (op. Cit.) explica que, ao invés de uma integração supranacional legítima, o que ocorreu foi uma integração resultante das diversas formas de dominação colonial impostas aos povos latino-americanos.

A situação começa a mudar com o projeto bolivariano, segundo o qual a América Latina deveria reunir-se em torno de uma só nação. De acordo com Simón Bolívar, na “Carta de Jamaica”, que é o documento fundador da proposição, a divisão entre os países latino-americanos não é estranha, pois se relaciona largamente com as guerras civis que na maioria dos territórios propiciaram uma divisão de caráter também interno. A possibilidade de reverter esse quadro fragmentário ganha adeptos, e em 1891, José Martí acrescenta:

A incapacidade não está no país nascente, que pede formas que se adequem a ele e grandeza útil, mas nos que querem reger povos originais, de composição singular e violenta, com leis herdadas de quatro séculos de prática livre nos Estados Unidos, de dezenove séculos de monarquia na França. [...] O governo há de nascer do país. O espírito do governo há de ser do país. (MARTÍ *in* ZEA, op. Cit., p. 122)

A defesa de governos que correspondam aos anseios da população nativa e do fim da dominação dos “povos originais” busca rechaçar também o que Zea (op. Cit.) chama de “complexo de bastardia”. Tal complexo é enfatizado pelo autor como obstáculo importante à consolidação de um modo particular de ser, uma identidade latino-americana. Ribeiro (*apud* ZEA, op. Cit) indica que a inferiorização se fortalece por oposições entre uma América rica (de origem anglo-saxônica) e uma América pobre (a latino-americana), a partir das quais é possível também que se perceba a base do que o autor chama de “visão arquitetônica externa”, a saber uma percepção exterior, em que a América Latina é caracterizada por suas deficiências e atrasos, segundo a lógica capitalista eurocêntrica e em comparação com os

valores da América anglo-saxônica. Esta é também a visão dos colonizadores ao impedirem a consolidação de uma cultura mestiça, que sincretize elementos europeus e particularidades da matriz indígena. De acordo com Zea (op. Cit., p. 291), “Se trata agora de uma cultura [a cultura europeia cristã] que se considera superior, que não pode assimilar outras culturas, nem ser assimilada”. Ribeiro explica que esse modelo de processo civilizatório, centrado na incorporação histórica do grupo submetido, promove uma “aculturação” da população, quer seja em seu próprio território, quer seja nas áreas para onde é deslocada na condição de contingente escravo.

Para o período posterior, Zea assinala a existência de uma cultura de improvisação. Tendo seu início dado pelos processos independentistas do início do século XIX, tal cultura implicava o desenvolvimento de uma educação que extrapolasse a instrução para a servidão. A consciência da necessidade de um novo modelo apontou para dois caminhos, de acordo com o autor: a manutenção da ordem política e cultural da dominação - “A mesma cultura para a servidão mas agora em benefício dos próprios americanos que se consideravam filhos legítimos dos conquistadores e colonizadores” (ZEA, op. Cit., p.294) – ou o completo recomeço da própria experiência, a partir de um modelo que via o passado indígena, hispano e mestiço como barbárie.

As concepções adotadas mudam drasticamente em decorrência do imperialismo europeu e, a seguir, do intervencionismo estadunidense. Obras como o Ariel de Rodó²³ passam a destacar a necessidade de retomar um pensamento que valorize a América Latina por sua diversidade e riqueza cultural. Em Ariel, Rodó defende:

temos – os americanos latinos – uma herança de raça, uma grande tradição étnica a manter, um vínculo sagrado que nos une a imortais páginas da história, confiando a nossa honra sua continuação no futuro. O cosmopolitismo, que acataremos como uma irresistível necessidade de nossa formação, não exclui nem esse sentimento de fidelidade ao passado nem a força diretriz e plasmante com que deve o gênio da raça impor-se na refundição dos elementos que constituirão o americano definitivo do futuro. (RODÓ in ZEA, 1993, pp. 202-203)

2.2 Sandino e Fonseca sob a perspectiva das ondas identitárias

²³O uruguaio José Enrique Rodó foi o precursor de um pensamento que denuncia a “nordomania” latino-americana, segundo expressão cunhada por ele. A intenção de impor uma cultura interessada em imitar elementos da cultura europeia e estadunidense é contraposta por Rodó através da figura de Ariel, espírito verdadeiro da *Nuestra América*. O espírito pragmático – e anglo-saxônico - ao qual se opõe Ariel é personificado por Calibán.

A exemplo de outros países latino-americanos, o território correspondente à Nicarágua conviveu, desde o momento inicial da colonização da região centro-americana, com um projeto que prejudicava o desenvolvimento autônomo desse espaço, ao exterminar grande parte da população e incluir a região num mapa de territórios a ser explorados pelos colonizadores. Entre as características particulares da exploração nicaraguense, Stedile & Baltodano (2008) enumeram o uso do território como ponto de partida para as incursões que dizimaram os povos incas; o compartilhamento pelos impérios espanhol e inglês e a consequente apropriação de recursos como ouro, anil, cacau, gado e açúcar; o assédio de piratas facilitado pela condição geográfica estratégica (no centro de um istmo com acesso para os oceanos Pacífico e Atlântico). Após a independência, a Nicarágua passa a sofrer especialmente com a ingerência estadunidense, nesse caso também motivada pela posição geográfica e pelo saque de recursos naturais, mas que consiste num elemento comum a diversos países das Américas do Sul e Central. Daí sobreveio a imposição política, econômica, militar e a agressividade com que os EUA pregavam a necessidade de integrar o continente sob a política do Big Stick e da Doutrina Monroe, que formalizavam as práticas intervencionistas e, assim, obstaculizavam o desenvolvimento autônomo dos povos do Sul. Logo, o panorama nicaraguense demonstrou ser um representativo exemplo de como a identidade popular foi manipulada por forças externas, desde a exploração colonial inicial até a prática do imperialismo *yankee*. Contudo, é na oposição com as forças estadunidenses que se torna possível firmar traços de constituição identitária: se, por um lado, a política imperialista busca estruturar a política e a economia de mais da metade do continente a seu serviço, por outro, é nesse momento que a consciência da oposição se torna mais tangível, o que proporciona o fortalecimento de uma proposta que restrinja os avanços estadunidenses com base na união entre população nacional e entorno. Tal integração é planejada não só politicamente, mas culturalmente, através da busca de um conjunto de elementos que conjuguem e sintetizem o espírito latino-americano. Na Nicarágua, além desses caracteres, há ainda a questão da inexistência de classes reivindicando o nacionalismo. Conforme já se disse, a diferenciação laboral da população e o apoio da burguesia incipiente ao projeto imperialista impediram um aprofundamento do debate nacionalista nesse território e inclusive retardaram o conflito classista. E é a esse fator particular que Ramirez (*in* STEDILE & BALTODANO, op. Cit.) vincula a importância da bandeira sandinista: para ele, em qualquer outro contexto, a defesa da nação e da nacionalidade propagadas por Sandino teriam apenas valor sentimental.

Na Nicarágua, entretanto, o embate adquire valor revolucionário, à medida que expressa o choque entre a consciência popular e a convencional ideologia “vende-pátria”.

Há que lembrar, ainda, que a Revolução de Outubro de 1917 propiciou o acirramento dos embates contra o capitalismo e das lutas por libertação nacional nos países ao sul do Rio Bravo. A preocupação com a proliferação de ideias socialistas fez crescer a preocupação e a intervenção estadunidenses. Lorenzo & Salazar (2008) ressaltam que este é o momento em que Estados latino-americanos surgem enquanto protetorados ou redutos militares dos EUA. Outros documentos se somam ao Tratado de Paz e Amizade, assinado em 1907, que determina que Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras e Nicarágua se comprometam a coibir movimentos revolucionários e a restringir a atividade política de seus refugiados. Além disso, as potências capitalistas se unem para resguardar a ordem colonial na Bacia do Caribe, fundamental ao imperialismo, que se baseia largamente na exploração dos recursos dos territórios submetidos e que possui interesses na condição geográfica da região. A legitimação desse tipo de imposição por órgãos internacionais, como a ONU, e a lavratura de tratados de manutenção do *status quo* aumentam a pressão popular.

Uma nova preocupação surge junto à intensificação do intervencionismo: a necessidade de apaziguar os países latino-americanos com a ideia de uma integração continental. Nessa época, o pan-americanismo torna-se palavra de ordem no diálogo entre América Latina e EUA, e são criadas diversas organizações para legitimar as diretrizes do projeto.²⁴ Conforme Ramirez, a proposta estadunidense indicava a necessidade de rever percepções:

a intervenção estadunidense foi enaltecida como um fato civilizador que compreendia uma atitude humanista, aplaudindo-se a criação do termo panamericanista, que os Estados Unidos inventaram na época para justificar suas agressões no continente; repetia-se, também, que a intervenção, como mal necessário, apenas tentava ajudar povos mais atrasados, irmãos menores, a encontrar o caminho do progresso, da civilização e da estabilidade. (RAMÍREZ *in* STEDILE & BALODANO, op. Cit., p.107)

Em conjunto, esses elementos cabem à análise de Devés Valdés (op. Cit.), que propõe o conceito de ondas de pensamento. Segundo ele, estas tendências de pensamento se interpuseram no cenário latino-americano ininterruptamente desde meados do século XIX e

²⁴Os preceitos do pan-americanismo, segundo Suárez Salazar (2008) foram institucionalizados no decorrer das Conferências Internacionais dos Estados Americanos. Na América Latina, encontraram respaldo entre os diplomatas brasileiros da República Velha. Outros órgãos consolidaram essa política, como o TIAR – Tratado Interamericano de Assistência Recíproca – e a OEA – Organização dos Estados Americanos.

ocorreram de forma concomitante em toda a América Latina. Ora de cunho modernizante, ora identitárias, tais ondas serão aqui utilizadas para contribuir à compreensão do pensamento de Sandino e Fonseca e sua escolha entre uma percepção internacionalista ou particular da luta nicaraguense, além de pautarem o debate das características de seus discursos. Interessam particularmente os pressupostos da onda identitária contemporânea de Sandino, em que se destacou o acirramento da ingerência estadunidense e da resistência ao intervencionismo, e a onda contemporânea da Revolução Cubana, da militância de Carlos Fonseca e da formação da Frente Sandinista de Libertação Nacional. Enquanto a primeira caracteriza-se pela emergência de movimentos protonacionalistas e pela centralização identitária nas figuras de camponeses e ameríndios, a segunda marca o período de recrudescimento dos conflitos latino-americanos voltados a criticar a integração capitalista e suas consequências, em grande medida influenciados pela experiência socialista soviética. A partir da crise de 1929, a ênfase do movimento desloca-se para a defesa da autonomia das economias nacionais frente ao intervencionismo das potências imperialistas. A tendência se renova no decorrer da Revolução Cubana, após um período de onda modernizante, que é calcado nas propostas industrializantes da Cepal – Comissão Econômica para América Latina. Agora, as reivindicações identitárias ganham novos termos, como a “dependência”, que fortalecem o embate ideológico contra os EUA. Esse período é emblemático na luta pela “segunda independência”, conforme a expressão de Martí, que indica a necessidade de uma desvinculação entre latino-americanos e estadunidenses. Sobre esse fator específico, exclama Fidel Castro, na segunda Declaração de Havana (*apud* RETAMAR, *in* ZEA, *op. Cit.*, p. 328):

Hoje chega a luta de liberação frente à metrópole imperial mais poderosa do mundo, frente à força mais importante do sistema imperialista mundial e para prestar à humanidade um serviço todavia ainda maior do que o que prestaram nossos antepassados.

Devés Valdés (*op. Cit.*) indica seis norteadores das ondas identitárias: a defesa do americano, do indígena, do latino; a valorização dos aspectos cultural e humanista em detrimento do tecnológico; o rechaço ao intervencionismo; a afirmação da justiça, da igualdade, da liberdade; a reivindicação da maneira peculiar de ser do latino-americano, distinta das populações dos países mais desenvolvidos; e o incentivo ao encontro consigo mesmo, com o país, com o continente.

A consolidação das identidades nacionais foi elemento central nos debates propostos por Sandino e Carlos Fonseca, mas atingiu atores em toda a América Latina: segundo alguns

de seus defensores, era preciso pensar primeiro na construção de uma unidade política, social e cultural de abrangência nacional, antes de reivindicar uma união supranacional. Salomón (*in* ZEA, op. Cit.) indica que os pensadores julgavam impossível construir internacionalismo onde sequer havia verdadeiras nações. Martí já preconizara a necessidade de planejar um internacionalismo que não suprimisse diferenças nacionais. “Esse mesmo conceito salvador de América [...] ocultou a seus olhos as diferenças, úteis à liberdade, dos países americanos, que fazem impossível sua unidade de formas” (MARTÍ *apud* SALOMÓN, *in* ZEA, op. Cit., p. 177).

2.3. Sandino e o “horizonte de internacionalismo”

Ao indicar as características da onda identitária do início do século XX, Deves Valdés expõe diversas perspectivas para corroborar sua classificação. Segundo ele, nesse momento há recrudescimento no pensamento religioso e rechaço do utilitarismo na Argentina; surgimento do paganismo na América Central; nacionalismo idealista na Colômbia; antipositivismo no Chile. No México pós-revolucionário e frequentado por Sandino, a nova geração intelectual interessava-se em expressar o “próprio” e os trabalhadores protestavam contra a ingerência e as condições de trabalho impostas nas empresas estadunidenses. O marco inicial da onda relaciona-se com a escrita do Ariel, de Rodó. Rodó resume um aspecto central da discussão dessa primeira onda:

protesta Rodó, que no ve "la gloria ni el propósito de desnaturalizar el carácter de los pueblos –su genio personal- para imponerles la identificación con un modelo extraño, al que ellos sacrifiquen la originalidad irremplazable de su espíritu. (*apud* DEVÉS VALDÉS, op. Cit., p. 9)

O pensamento sandinista não foge a essa caracterização e, desse modo, resume-se a três elementos: seu caráter anti-imperialista, seu caráter antioligárquico e seu conceito de justiça social (RAMÍREZ *in* STÉDILE & BALODANO, op. Cit). Sandino é um ator social interessado na ruptura com o imperialismo e sua constante ingerência. Seu nacionalismo é pautado pela necessidade de valorizar as características e potencialidades nacionais em oposição ao modelo interventor. Seu conceito de justiça social também parte dessa visão, e é determinante para Sandino a expulsão dos estadunidenses que oprimem a população nicaraguense, mais do que o combate às classes nacionais que se alinham ao imperialismo, de

modo que é possível supor que, para ele, o fim da ingerência significasse também uma reformulação da política nacional nicaraguense, necessariamente. Sua crítica às elites governantes da Nicarágua é também contundente, mas em geral imbricada numa lógica de contágio e manipulação pelos EUA. Esta afirmação se confirma por pronunciamentos, como o denominado “O Culpado é o Presidente Coolidge”, em que Sandino expõe sua opinião a respeito do conflito na Nicarágua:

quero declarar que o único responsável de tudo o que está acontecendo no presente e acontecerá no futuro, aqui na Nicarágua, é o presidente dos Estados Unidos, Calvin Coolidge, porque quis manter no poder o seu lacaios, Adolfo Díaz²⁵, pessoa que goza de todo o desprezo de todos os bons nicaraguenses. (SANDINO *in* SELSER, op. Cit., p. 61)

Logo, a união da população contra o imperialismo recobre grande parte de seus pronunciamentos. O líder operário-camponês vê no intervencionismo um ataque à soberania nacional, que assim fere a identidade popular, renovando o “complexo de bastardia” a que se refere Zea. Inferiorizada pela resignação e apoio das classes governantes diante da ingerência estrangeira, que por si só já contribuía a um cenário de violência e imposição, a população nicaraguense não consegue se organizar politicamente e se subordina ao imperialismo. Para isso influi também uma oposição formal que se limita a criticar os governos, sem, no entanto, questionar o apoio *yankee* a eles ou a ressaltar a vinculação entre os EUA e a restrição da autonomia política. Contra tudo isso, portanto, o discurso sandinista enfatiza a importância do combate pela libertação nacional e é pioneiro ao apontar para essa questão no diálogo com a população oprimida. A adesão de um setor de base da população ao embate empreendido por Sandino, e sua liderança nesse processo, encontram explicação em De La Peña (*in* BETHELL, op. Cit.). De acordo com o autor, as mobilizações de bases características das primeiras décadas do século XX na América Latina implicaram a criação ou o reforço das identidades coletivas e a identificação de um líder com as reivindicações populares. De La Peña assinala também que estes agravos populares ocorrem em situações de oposição a estruturas de poder e/ou grupos dominantes, sempre que estas estruturas ou grupos são concebidos como passíveis de mudança.

²⁵Adolfo Díaz é presidente da Nicarágua entre 1911 e 1917 e 1926 e 1928, ou seja, ascende ao posto em duas ocasiões de ingerência política dos EUA. Na primeira das vezes, é o sucessor de Zelaya, presidente liberal que provoca uma crise com o governo estadunidense ao questionar algumas das medidas adotadas pelos EUA junto à Nicarágua. Em seu segundo mandato, Díaz é o produto do acordo entre liberais e conservadores que marca o fim da Guerra Constitucionalista, em que Sandino luta amparado pelo Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua. (SELSER, op. Cit.; STÉDILE & BALODANO, op. Cit.)

Mas, recorrente para além da fronteira nacional, a multiplicidade dos ataques externos e sua extensão fortalecem o interesse de Sandino numa reivindicação que extrapole seu próprio território e as demandas de sua base de apoio. A isso se soma a necessidade de encontrar parceiros políticos que possam apoiar a luta travada sob a indiscutível superioridade militar dos EUA e de seus aliados. Sobre essa projeção do anti-imperialismo de Sandino, Ramírez assinala que

muitos dos esforços políticos de Sandino foram dirigidos a conscientizar a América Latina de que deveria assumir uma posição unida contra o imperialismo e a convencer o continente de que, naquele momento, na Nicarágua, estava posta à prova, nada mais, nada menos do que a resistência de toda a América Latina contra o imperialismo. (RAMÍREZ *in* STEDILE & BALTODANO, op. Cit., p. 117)

Apesar disso, Sandino preocupava-se não apenas em alertar os países vizinhos de que a Nicarágua estava tomando a frente numa resistência que deveria se alastrar em prejuízo da intervenção: para ele, era preciso revestir a união latino-americana de uma configuração política formalizada. Mesmo a defesa da construção do canal interoceânico na Nicarágua era apropriada sob uma perspectiva latino-americanista, segundo a qual o projeto deveria ser financiado por recursos coletivos provenientes dos países da América Latina que tivessem interesse no empreendimento.

A valorização de um projeto que unificasse os interesses da América Latina é ainda mais importante nesse momento para líderes como Sandino na medida em que os interesses dos países ao sul do rio Bravo se contrapõem à doutrina Monroe, que prega a consolidação da América para os Americanos. Por esse projeto, o intervencionismo estadunidense justificava-se como um instrumento de manutenção da ordem no convulsionado território latino-americano. A doutrina pregava a união de toda a América sob a ótica estadunidense; sendo assim, é possível compreender o esforço latino-americanista como uma tentativa de expor uma identidade alternativa, que demonstrasse a alteridade entre o modelo hegemônico imposto pela intervenção e o modelo que correspondia ao perfil e aos anseios da população latino-americana. Da mesma forma justifica-se a necessidade de defender a união, que representava a soma de forças militares e populares no combate à ingerência dos EUA.

A opção de Sandino é por um discurso que evoque sua ancestralidade ameríndia e a concretude da opressão sofrida pelos nicaraguenses. A partir de um de seus pronunciamentos mais famosos, o Primeiro Manifesto Político, de 1927, é possível explorar essa e outras características de seu pensamento:

o homem que de sua pátria não (nem sequer) exige um palmo de terra para sua sepultura, merece ser ouvido, e não apenas ser ouvido, mas também que acreditem nele. Sou nicaraguense e sinto-me orgulhoso que pelas minhas veias circule, mais que qualquer (outro), o sangue índio americano, que por atavismo encerra o mistério de ser patriota leal e sincero; o vínculo da nacionalidade me dá o direito de assumir a responsabilidade dos meus atos nas questões da Nicarágua, e conseqüentemente, da América Central e de todo o continente que fala nosso idioma, (...) Sou trabalhador da cidade, artesão como se diz nesse país, mas meu ideal pertence a um amplo horizonte de internacionalismo, luta pelo direito de ser livre e de exigir justiça, embora para atingir esse estado de perfeição seja necessário derramar o próprio sangue próprio e o alheio. (...) Minha maior honra é surgir do seio dos oprimidos, que são a alma e o nervo da raça, aqueles que temos vivido sem esperança e à mercê dos sicários sem-vergonha que ajudaram a incubar o delito de alta traição: os conservadores da Nicarágua, que feriram o coração livre da pátria e que nos perseguem, encarnadamente, como se não fôssemos filhos duma mesma nação. SANDINO, 1927. *In*: SELSER, 1979, pp. 57-58)

A exaltação da identidade em função do opositor é elemento central do discurso das ondas identitárias: esse opositor é expressado pelo colonizador, pelo interventor e de, um ou outro modo, por aquele que toma a riqueza e a autonomia de um território. No caso de Sandino, a oposição se dá claramente em relação aos EUA e a seu papel na política e na economia nicaraguenses: o discurso é repleto de menções a características físicas que diferem o estadunidense do nicaraguense e a elementos constituintes de sua moral. Entre os adjetivos, estão “louros”, “bárbaros do Norte”, “machos”, “gananciosos”, “piratas de dólares” e “morfinômanos”²⁶. Dos nicaraguenses que acatam os interesses imperialistas - “traidores da pátria” -, são referidas a “bastardia” e o “entreguismo”. Já de início Sandino interessa-se em demonstrar sua divergência em relação a essas características: ele é o “artesão” que de sua terra “não exige um palmo para a sepultura” e em cuja palavra se pode confiar. Intrínsecas a essa representação, estão duas críticas: a crítica à ganância e a crítica à traição, à mentira, que conforme Sandino envolvem as classes governantes e, principalmente, os interesses estadunidenses.

A seguir, outro elemento característico da onda identitária na qual Sandino se insere: a valorização da origem autóctone, do traço e da cultura ameríndios. Por esse aspecto, é possível perceber novamente a oposição fenotípica ao “louro do Norte” e o argumento que justifica as opções feitas pelas classes governantes nicaraguenses: seu não-pertencimento é explicado pela analogia com o fenômeno do atavismo, que compartilha uma característica entre gerações, sem no entanto atingir a geração que as intermedeia: ou seja, o “sangue índio americano” - e todas as características inerentes a ele - chegou à geração de Sandino a partir

²⁶SANDINO *in* SELSER, op. Cit..

de uma geração inicial sem ter afetado a geração imediatamente posterior, que se configurou como uma geração de traidores e “vende-pátrias”.

Nesse pronunciamento fica exposto também o caráter mortal da luta empreendida: a ideia de sangue derramado pela pátria evoca o genocídio dos povos autóctones, a tradição da resistência nicaraguense diante de inimigos numericamente superiores, e também uma comunhão com o sangue dos antepassados – Sandino vem do “seio dos oprimidos” e em suas veias circula o “sangue índio americano”: sua luta é, desse modo, um episódio num processo contínuo. Por esse aspecto, Sandino reforça também a preponderância de seu ideal sobre sua trajetória de vida, indicando em vários pronunciamentos que, num cenário de opressão, ele preferiria não viver.

Por fim, o internacionalismo: Sandino cita, em seu horizonte, a necessidade de extrapolar o território nicaraguense na luta contra o imperialismo estadunidense. Em outros pronunciamentos seus, é explícita a modelagem política que ele quer para formalizar e consolidar esse internacionalismo: para isso, sugere a organização de conferências periódicas, a exemplo da Confederação Sindical latino-americana, em que se pudesse tratar dos assuntos afins à América Latina por um viés de solidariedade entre os povos. Sandino delega a si mesmo a luta pela abolição da Doutrina Monroe, indicando que tal projeto apenas impõe a tutela dos EUA sobre os países latino-americanos, e propõe que se decrete o fim da ingerência nos assuntos internos das repúblicas indo-hispânicas. Em reunião pan-americana, Sandino prossegue em sua denúncia, reafirmando o alinhamento de presidentes latino-americanos com os interesses imperialistas (*in* STEDILE & BALODANO, *op. Cit.*, pp. 146-147):

(...) senhores presidentes: os senhores não corresponderam ao cumprimento de seu dever porque, como representantes que são de povos livres e soberanos, têm a obrigação de protestar diplomaticamente, ou, se preciso for, com as armas que o povo lhes confiou, contra os crimes sem nome que o governo da Casa Branca manda consumir a sangue frio em nossa desventurada Nicarágua (...)

No “Plano de realização do supremo sonho de Bolívar”, Sandino (*in* ZEA, *op. Cit.*, pp. 443-453) apresenta as linhas gerais de seu projeto político. O plano teria sido exposto aos representantes dos governos de 21 estados latino-americanos pelo Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua em uma conferência continental que nunca ocorreu. O documento reitera as sugestões de abolir a Doutrina Monroe, criar uma Corte de Justiça Latino-americana - de nome Simón Bolívar, caráter supranacional e presidência com mandato de seis anos – e fortalecer a aliança latino-americana frente aos desmandos imperialistas. De

acordo com o plano, somente à nacionalidade latino-americana seria concedido o direito de realizar obras de abertura do canal interoceânico e de construção da base naval no Golfo de Fonseca; tarifas aduaneiras deveriam ser unificadas e um Comitê de Banqueiros Latino-americanos seria o responsável por rescindir contratos feitos com os EUA. O plano propunha ainda a restrição às inversões estadunidenses, a constituição de um exército extraído da classe estudantil, o intercâmbio de estudantes de ciências econômicas e sociais e o fomento ao turismo entre os países latino-americanos.

No texto, Sandino explica suas motivações e ressalta a necessidade de uma integração entre os países latino-americanos para fazer frente ao projeto imperialista:

Trabalhando sob o influxo dessas considerações chegamos a compreender a necessidade absoluta de que o intenso drama vivido por mães, esposas e órfãos centroamericanos, despojados de seus entes mais queridos nos campos de batalha das Segovias pelos soldados do imperialismo norte-americano, não fora estéril, tampouco defraudada, mas antes, se aproveitara para o aprofundamento da Nacionalidade Latino-americana, rechaçando quantos tratados, pactos ou convênios se haviam celebrado com pretensões de legalidade que lesionem, em uma ou outra forma, a soberania absoluta tanto da Nicarágua como dos demais Estados latino-americanos. (SANDINO *in* ZEA, op. Cit., p. 444)

O autor do manifesto conclama seus vizinhos a acatarem essa tarefa, que chama de uma “enorme responsabilidade histórica contraída com *Nuestra América* e com o mundo” (*idem, ibidem*, p. 453). Para Sandino, esse era o primeiro passo de conquistas vindouras para a aliança latino-americana. A Conferência sequer ocorreu, mas o pensamento sandinista se manteve presente na constituição da Frente Sandinista de Libertação Nacional, em grande medida cultivado por Carlos Fonseca, estudioso e entusiasta dos embates travados por Sandino.

2.4. Carlos Fonseca e os usos políticos do passado sandinista

Durante sua militância política, precisamente no início da década de 1970, Carlos Fonseca empreendeu um vasto estudo a respeito da vida e do pensamento de Sandino. Conhecer a trajetória de seu mentor servia a dois propósitos, segundo Fonseca: o primeiro dizia respeito à importância de uma nação conhecer sua história e seus mártires, para a eles prestar reverência e para fortalecer seu patriotismo. O segundo objetivo dos estudos de Fonseca relacionava-se com as concepções estratégicas de Sandino, que em grande medida foram infundidas ao método da FSLN, tanto em seu posicionamento como em sua tática

guerrilheira (ZIMMERMANN, op. Cit). De acordo com os textos de Fonseca, Sandino era mais importante à prática da guerrilha do que seus contemporâneos poderiam conceber: para Fonseca, os combates na montanha nicaraguense serviram de modelo à própria Revolução Cubana, uma das grandes influências ao projeto da Frente Sandinista. No momento em que produz seus textos sobre Sandino, refletindo sobre sua abrangência e relevância histórica, Carlos Fonseca está também interessado em fornecer educação política aos novos quadros da FSLN, que se fortaleceram após 1972, quando ocorre o terremoto em Manágua. O desvio de verbas internacionais destinadas a apoiar a reconstrução da cidade pela família Somoza ganha foco na mídia internacional, e a ocorrência contribui para consolidar a liderança da FSLN na oposição à ditadura. Logo, Fonseca demonstra grande interesse em disseminar o posicionamento sandinista, com vistas a preparar a insurreição popular na Nicarágua, fomentada pela fragilidade de seu governo naquele momento.

Esse aspecto da obra de Fonseca é enfatizado por Zimmermann, para quem

Fonseca não escreveu para os historiadores ou para a posteridade em geral, e sim para sua geração e a seguinte de revolucionários nicaraguenses, aqueles que ele estava convencido que derrubariam o regime somozista e devolveriam a Sandino seu pedestal de herói nacional do país” (ZIMMERMANN, op. Cit., p. 229)

Para tanto, Fonseca poupa alguns âmbitos do pensamento sandinista para dar destaque a outros, procurando ressaltar seu caráter classista e nacionalista em detrimento do misticismo religioso de Sandino. Nesse sentido, outro aspecto interessante desse uso político é a relação que Fonseca traça entre a produção de Sandino e o marxismo, ou as lutas de classe. Para Fonseca, ao empreender o uso da figura de Sandino para unificar a população e agregar apoios importantes, como os dos grupos camponeses, era preciso adequá-la ao projeto político que delineado para a FSLN. Portanto, além de omitir aspectos como o misticismo religioso com que Sandino dialogava em seus escritos, era preciso revesti-lo de um teor classista que o próprio Carlos Fonseca, noutros momentos, admite que não condizia com sua experiência e contemporaneidade. Por exemplo: Fonseca reclama para a Frente um embate que se expande além do patriotismo, que seria o tom essencial da luta travada por Sandino. E para isso explica que a modificação relacionou-se com o tempo em que as duas lutas se deram: à primeira teria sido impossível ampliar mais seu espectro de reivindicações, pela pouca consciência política da população e pelo isolamento da Nicarágua em relação às ideias marxistas; logo, o segundo momento de luta se tornava mais abrangente apenas na medida em que encontrava respaldo político para tanto. Apesar disso, Zimmermann (op. Cit.) explica que em dado momento

Fonseca extrapola o conteúdo que o próprio Sandino teria conferido a sua luta, que passa de luta popular à luta liderada pelo “guerrilheiro proletário”. Da mesma forma, ele busca reunir, no “Ideário Sandinista” que edita, citações que reiterem sua lógica. Ao denominar uma seção de “Programa para os problemas sociais”, sugere que Sandino tenha defendido os rudimentos de um programa de transformação social. Contudo, cabem poucas citações à seção. Zimmermann explica que uma avaliação panorâmica da produção sandinista confirma escassas menções a conteúdos de mudança programática. Conforme sua análise, em geral Sandino comentava a necessidade de nacionalizar a terra e estimulava a confraternização entre os membros de seu exército e os estudantes, mas o volume dessas observações é baixo. Segundo a autora, o trabalho empreendido por Fonseca indicava que ele “selecionou pra seu *Ideário* as citações mais radicais e dotadas de maior consciência de classe que pôde encontrar (...). Algumas dessas declarações eram atípicas frente aos escritos de Sandino como um todo” (ZIMMERMANN, op. Cit., pp. 249-250).

Entretanto, o enquadramento do pensamento de Sandino por Fonseca não se prestava a um interesse escuso de manipular suas ideias, mas servia de resposta à ampla campanha de difamação que fora empreendida contra ele pelos membros dos partidos tradicionais, incluindo-se o PSN. Enquanto o governo somozista reduzia Sandino a um bandoleiro, o Partido Socialista Nicaraguense tratava-o como um aventureiro pequeno-burguês (ZIMMERMANN, op. Cit.). Nesse contexto, a reação de Fonseca sobreveio às demais com a intenção de articular uma nova percepção da trajetória de Sandino pela população, e retomá-lo enquanto um revolucionário opositor ao intervencionismo e oprimido por ele. Com sua obra, Fonseca pretendeu, portanto, demonstrar a inconsistência dessas críticas e desse modo fortalecer uma identificação da população, que sofria com a opressão e a difamação impetradas por esses mesmos grupos.

Interessante notar que Sandino é também particularmente importante à Fonseca por sua possibilidade de servir de marco inicial à soberania nicaraguense. Aqui reside um aspecto fundamental das ondas identitárias, a saber, a exaltação do espírito e da identidade nacionais, sempre em oposição ao modelo hegemônico e colonizador. Fonseca podia não apresentar os mesmos traços de Sandino ou sua extração social, mas a associação ideológica entre ambos permite que ele se coloque exitosamente junto aos segmentos da população mais identificados com Sandino. A partir daí, torna-se possível à Fonseca delinear o “outro” no embate nicaraguense e esse outro se refere não só ao inimigo externo, mas reside também no interior

do território nicaraguense. Se para Sandino o opositor geralmente representa os EUA e seu projeto imperialista, para Fonseca há uma sensível diferença: o opositor não precisa necessariamente acatar os preceitos do imperialismo; basta que ele não convirja com a representatividade concedida a Sandino. Para Fonseca, “só aqueles que se identificavam com esta luta [a de Sandino] tinham o direito de se intitular nicaraguenses” (*in* ZIMMERMANN, op. Cit., p. 235).

A adesão da população à luta, a abrangência desse embate pela libertação nacional e a força do ideal de “Patria Libre o morir”, que encerra os pronunciamentos da FSLN, são importantes ilustrações do uso político que foi feito de Sandino pela Frente, em grande medida graças ao entusiasmo de Fonseca pelo primeiro líder sandinista. Na tese em que discute o papel da Teologia da Libertação para a Nicarágua pós-revolucionária, Morlina (2009) indica algumas maneiras pelas quais a figura de Sandino foi resgatada. Entre panfletos sandinistas e imagens colhidos pelo autor, estão o “Sandino Negro”, a confecção de adereços para uso pessoal com a silhueta de Sandino, poemas e outros textos evocando-o como herói nacional ou sacralizando-o, o que é preponderante à análise de Morlina. O autor sugere que, por tudo isso, “Sandino tornou-se símbolo do resgate da honra e da identidade nacional. Sistemas de televisão e rádio, associações de trabalhadores e camponeses, polícia e exército, sindicatos e grupos artísticos, passaram a incorporar a palavra sandinista.” (MORLINA, op. Cit., p. 119). Ainda que o autor se refira a um período sucedâneo ao dessa análise, sua reflexão é adequada para demonstrar as consequências do trabalho de divulgação e estímulo ao uso político de Sandino empreendido por Fonseca. Para Fonseca, Sandino era peça fundamental ao convencimento da população de que a revolução era uma possibilidade para suprimir a opressão a que o povo estava submetido.

Em entrevista concedida a Baltodano (2011), Aldo Díaz Lacayo fornece elementos para a compreensão do pensamento de Fonseca, no que diz respeito à extensão de seu projeto político. Lacayo, historiador nicaraguense, enuncia o ano de 1959, em que ocorre a guerrilha na região de El Chaparral, como marco inicial das pesquisas da Fonseca sobre as possibilidades de uma revolução nicaraguense. Sobre o companheiro de guerrilha, diz Lacayo:

En primer lugar, Carlos Fonseca es el primer dirigente revolucionario, no sólo de Nicaragua, sino también en el llamado Tercer Mundo – aunque esto último no lo puedo comprobar, pero lo he estado investigando y no he encontrado más que a él–, que “nacionaliza” la revolución. Es una contradicción, porque el movimiento revolucionario no puede ser solo nacionalista, pero en fin, eso es parte también del poco desarrollo político de las fuerzas políticas del sur, somos pueblos muy subdesarrollados políticamente hablando. (LACAYO *in* BALDODANO, op. Cit.,

A afirmação vai ao encontro do que se pode perceber nos escritos de Fonseca, levando em consideração duas características: a preponderância de um frágil desenvolvimento político da população nicaraguense sobre as possibilidades insurrecionais, já discutido no primeiro capítulo dessa análise, e a ausência da defesa a um modelo internacionalista. Fonseca compara a Nicarágua a outros contextos, inclusive africanos e asiáticos, como os casos argelino e vietnamita de libertação nacional, mas em momento algum reproduz o internacionalismo tal como fez Sandino. Entre as causas para isso, aparentemente encontra-se seu descrédito em relação aos partidos comunistas latino-americanos por seu reformismo – lembre-se que a crítica começa ao partido de seu próprio país. Zimmermann (op. Cit.) corrobora essa reflexão ao assinalar que Fonseca culpa os países vizinhos da Nicarágua por sua assepsia em relação às ideias marxistas. Esse posicionamento diante de seu contexto próximo contribui em grande medida ao desenvolvimento, por Fonseca, de uma proposta cabível exclusivamente à Nicarágua, e que possa ser aplicada sem o apoio externo.

Sua particularização da luta nicaraguense é também produto de uma percepção totalizante que Carlos Fonseca tinha de seu país, em que era central uma longa tradição de rebeldia. De acordo com Zimmermann (op. Cit.), Fonseca cria que essa característica diferenciava a Nicarágua dos demais países latino-americanos, e para afirmar seu argumento, ele era capaz de citar exemplos de resistência popular que se sucediam ano a ano na Nicarágua e de vinculá-los ao século XX por meio de paralelos políticos:

Ainda que escrevesse sobre figuras do século 16, Fonseca não resistia a delinear os conteúdos de classe e a indicar os paralelos políticos com o século 20. A propósito de um cacique indígena que fez um compromisso com os espanhóis disse: “padeceu de um pacifismo utópico, que o transformou em inconfundível antepassado dos intelectuais que, já no século 20, tornariam mais fácil para os carrascos o sacrifício de Sandino”. (ZIMMERMANN, op. Cit., p. 239)

Tal alegação contribui para ilustrar a ideia de continuidade que perpassa a produção intelectual de Fonseca e que chega à Revolução de 1979, considerada pelos sandinistas como a segunda fase do ascenso revolucionário iniciado por Sandino. Aqui, entretanto, percebe-se que a continuidade, também cara a Sandino quando advoga por sua relação com os ancestrais ameríndios, é propulsora de outros processos políticos nicaraguenses, estendendo-se para além do posicionamento adotado pela FSLN. Ou seja, há uma pretensa linearidade na história nicaraguense, de acordo com esses líderes, que relaciona não apenas o povo com seus

ascendentes como também os inimigos com seus predecessores.

Especificamente no caso de Fonseca, essa percepção servia para dar veracidade ao processo revolucionário desvelado em seu país. Acreditando que uma revolução tinha de apresentar-se como verdadeira para as pessoas de quem se queria a adesão, Fonseca defendia que o trabalho ideológico era importante nesse sentido, e que a formulação de um projeto voltado aos interesses particulares da Nicarágua seria a consequência dessa verdade e do diálogo com a população. A opção por rechaçar o internacionalismo de Sandino em benefício de um projeto voltado ao interior do país é justificada desse modo. Fonseca explica ainda que seu estudo sobre Sandino não possui interesse meramente descritivo, e sim preocupação em captar, dentre as contradições de seu pensamento, aquilo que é útil à geração da FSLN (ZIMMERMANN, op. Cit.).

Lacayo acredita também que a descoberta do potencial unificador da figura de Sandino por Carlos Fonseca contribui ao fortalecimento da escolha de torná-lo símbolo máximo da Frente Sandinista. Para ele, essa adequação do pensamento de Fonseca ao de Sandino é a primeira ocasião em que Sandino é entendido por seu “pensamento revolucionário”, e não como referência histórica. Até aquele momento, segundo Lacayo, a maioria dos movimentos nicaraguenses era formada por homens que haviam combatido ao lado de Sandino, mas seu nome e sua perspectiva de luta eram pouco utilizados. O entrevistado menciona inclusive a discussão desse uso pelos combatentes cubanos, que, no entanto, não teria sido avalizada. De acordo com Lacayo, o elemento trazido por Fonseca proporciona uma grande mudança de paradigma no pensamento revolucionário nicaraguense, à medida que o nacionaliza. Em decorrência disso, compreende-se que a crítica ao imperialismo não é suficiente e que a luta tem de partir do próprio território, e não de ações impetradas por exilados residentes nos países vizinhos.

Apesar de não manter o ideal internacionalista de Sandino, é inegável que Fonseca foi largamente influenciado pela Revolução Cubana e, particularmente, pela figura de Che Guevara. Se, por um lado, Sandino é o grande propulsor das formulações políticas de Fonseca e principal inspiração para a formatação da Frente Sandinista, a experiência e o pensamento do líder do processo cubano também adquirem centralidade, mas são mais explorados por Fonseca em seus estudos do que pela Frente. Logicamente, a Frente carrega em seu ventre estratégias e técnicas de combate que muito se relacionam com a revolução cubana. Entretanto, Fonseca extrapola as lições guerrilheiras do Che e analisa também seu pensamento

político e o enfoque de seus pronunciamentos. Che e Fidel, assim como o processo por eles encabeçado, têm suprema importância no discurso de Fonseca; afinal, a Revolução Cubana reforçou a possibilidade de realizar uma revolução centro-americana de cunho marxista e pela via armada, desmentindo as restrições apontadas pelos Partidos Comunistas da América Central e que são elemento central da crítica de Fonseca ao marxismo latino-americano. Ainda, o processo implica a aproximação territorial da Nicarágua com um território revolucionário, o que, para Fonseca, contribui ao revigoramento do “rebelde espírito nicaraguense” (*apud* ZIMMERMANN, *op. Cit.*, p. 230).

Outra diferença entre os posicionamentos de Fonseca e Sandino se relaciona com a centralidade do fator étnico, e pode ser explicada pela caracterização das ondas de pensamento. Se à onda em que está inserido Sandino Devés Valdés atribui a centralidade do elemento étnico nos discursos, para a próxima onda essa valoração é inadequada. Menos afeita aos aspectos culturais da nacionalidade, a onda em que se situa Carlos Fonseca está mais preocupada com a libertação política e o desenvolvimento de um projeto político e econômico autônomo para as nações dependentes do imperialismo. Logo, o fator étnico pouco aparece no discurso de Fonseca, e sua ausência causa problemas ao desenvolvimento do projeto sandinista após a revolução de 1979. De acordo com Zimmermann, a FSLN falhou ao não captar a importância da identidade étnica de setores da população, o que não ocorre com Sandino, sempre disposto a falar aos camponeses identificados com a origem ameríndia.

No entanto, se Fonseca errou ao não considerar a importância do discurso identitário, sua relevância na constituição da Frente Sandinista foi fundamental aos ameríndios e camponeses nicaraguenses por dar voz a suas reivindicações. De acordo com De La Peña (*in* BETHELL, *op. Cit.*), a identidade comunal étnica e a consciência de classe na América Central contribuíram à expressão de reivindicações por mudança social verdadeira, especialmente em El Salvador e na Guatemala. Porém, o autor indica que, sem interlocutores nacionais, as manifestações acabaram severamente reprimidas. Na Nicarágua, com a assunção da FSLN, essa tendência pode ser rompida, com o que concorda Vilas, para quem

Fue la lucha sandinista la que hizo posible convertir los elementos cotidianos de la vida de las masas nicaraguenses – el hambre, la miseria, la falta de trabajo estable, el odio a la Guardia Nacional... - en fuerzas de combate para la guerra contra el régimen” (VILAS, *op. Cit.*, p. 135)

Pelo exposto, é perceptível a diferença entre Sandino e Fonseca, não só no que diz

respeito a seus projetos políticos, mas também, e talvez principalmente, em suas percepções a respeito de um “horizonte de internacionalismo”. Novamente, vê-se sua resposta a condições que vivenciam diretamente. Nesse sentido, é facultada a Sandino a possibilidade de crer numa união supranacional, dada a conjuntura na qual ele está inserido e a simultaneidade com que o intervencionismo se expressa em inúmeros cenários latino-americanos. Para Fonseca, contudo, essa perspectiva talvez não fosse adequada, tendo em vista sua crítica às opções feitas pelos líderes comunistas nos países vizinhos e mesmo à repressão com que governos das imediações lidavam com o processo insurrecional na Nicarágua, compondo com os EUA uma rede de perseguição aos combatentes, que incluía prisões internacionais.

Apesar disso, Sandino é o horizonte do pensamento da FSLN. Como já se disse, a morte de Fonseca determinou que também ele fosse alçado à condição de herói e mártir nicaraguense. Sua influência, entretanto, se deu em vida e no combate, diferentemente da forma como a Frente Sandinista se apropriou da figura e do posicionamento de Sandino, de que fez largo uso político em seu programa. Curiosamente, a morte de Fonseca parece indicar um recrudescimento nessa tendência, e outras valorações do pensamento de Sandino emergem e sobrepujam as de Fonseca, determinando boa parte das opções da FSLN no cenário pré e pós-revolucionário.

Ao serem questionados por INVERNIZZI (op. Cit.) sobre o que seria, para eles, o sandinismo, líderes da FSLN relembram a particularização estimulada por Fonseca e indicam que o sandinismo é uma ideia própria, a aplicação da bagagem política universal à realidade particular, o marxismo na Nicarágua. Mesmo assim, a preponderância de Sandino sobre Fonseca em suas opções políticas está dada. Bayardo Arce, que se torna o responsável pelo partido da FSLN após a revolução, ao comentar a influência marxista sobre a Frente, paradoxalmente replica a opinião que permeou a militância de Carlos Fonseca para dizer que “Foi o estudo de Sandino que nos forneceu uma tal quantidade de concepções que não temos por que copiar nada de ninguém” (INVERNIZZI, op. Cit., p. 16). Jaime Wheelock, ministro da Agricultura e da Reforma Agrária na Nicarágua pós-revolucionária, completa: “Sandino é a Nicarágua” (*idem, ibidem*, p. 24).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve origem no interesse de investigar de que modo a figura e o pensamento de Augusto César Sandino foram apropriados pela Frente Sandinista de Libertação Nacional. A longeva Frente Sandinista de Libertação Nacional, hoje novamente no comando da Nicarágua, sob a presidência de Daniel Ortega, reeleito em 2011, passou por diversos momentos de debate político no decorrer de sua formação e consolidação. A Frente que hoje detém o poder político sobre a Nicarágua carrega muito pouco da organização que começou a ser forjada no início da década de 1960, impulsionada pelo êxito da Revolução Cubana, de modo que sua atual configuração política já foi tratada como orteguismo por Maciel (op. Cit.), denotando as diferenças entre um e outro modelo. Do processo revolucionário, herdou lições que influenciaram desde suas táticas de combate até a produção intelectual de seus líderes. Por tudo isso, uma análise que pretendesse compreender a totalidade desse movimento, em suas diversas fases, em muito extrapolaria o objetivo desse trabalho, que se propõe enquanto um esforço inicial de compreensão. Pela leitura dos testemunhos de diversos membros da FSLN, em livros de sua própria autoria, entrevistas com jornalistas e diálogos compilados por Monica Baltodano, também sandinista, bem como pela escassa produção historiográfica interessada em alinhar um perfil da Frente antes do processo revolucionário de 1979, foi possível acessar inúmeros pontos de divergência e debates voltados a apontar as melhores soluções militares, políticas e de comunicação com a população.

Desse modo, chegou-se a Carlos Fonseca, líder formador da FSLN, e responsável por incluir na Frente o prefixo Sandinista e, do mesmo modo, por incutir em seus membros as lições retiradas do pensamento sandinista e a importância de mobilizar a população para o resgate daquele que viria a ser o grande herói nacional nicaraguense. Portanto, em uma análise interessada em verificar como se deu a apropriação de Sandino pela Frente Sandinista, seus usos e discontinuidades, concluiu-se que o esforço devia começar por Fonseca. Líder de extração diversa da de Sandino, de perfil também diverso, quer fosse por sua constituição física, distante do nicaraguense típico segundo a definição de Sandino²⁷, quer fosse por sua produção intelectual, que já por ser teoricamente embasada se diferencia da de seu antecessor. A escolha foi avalizada pelos indicativos de que, após a morte de Fonseca, ele seguiu junto a

²⁷ZIMMERMANN (op. Cit.) descreve Fonseca como um homem bastante alto, branco e de olhos verdes.

Sandino em grande parte dos panfletos, bandeiras e imagens produzidos pela Frente Sandinista e por seus apoiadores, tornando-se parte integrante do repertório de heróis nicaraguenses.

Passado o processo de definição do objeto de pesquisa, fez-se a leitura de Sandino e Fonseca, da qual se pode depreender que o projeto do segundo não é mero simulacro das proposições do primeiro. Já de início confirmou-se que os projetos se diversificavam na medida em que eram interpelados por contextos diferentes, tanto mais por expressarem novas configurações internas e sociais do que por indicarem êxitos em consequência do processo de libertação nacional.

A análise permitiu também que se percebesse clivagens em se tratando de observar a produção de Sandino e Fonseca isoladamente. Ao passo que Sandino se encaminha para projetar, ao fim de sua vida, um projeto político formalizado, ensaiando a formação e as diretrizes do Partido Autonomista Nicaraguense, Fonseca, pela riqueza de sua produção, oportuniza que se conheça sua faceta conciliatória, sua faceta marxista e outra, particularista. Talvez seja esse último ponto a principal diferença entre ambos: novamente reagindo a contextos que os afetam diretamente, e não por simples repetição de modelos, Sandino e Fonseca distanciam-se ao decidir entre uma luta internacionalista ou particular. Enquanto, para o primeiro, o internacionalismo é a resposta, e tem de ser estimulado e discutido em reuniões entre as nações latino-americanas, para o segundo é preciso recordar as limitações impostas à Nicarágua pelo conservadorismo de seus próprios vizinhos e, desse modo, a luta travada no território nacional se beneficia mais do exemplo de povos longínquos, como os dos vietnamitas e argelinos, do que da analogia com os embates no entorno. Mais que isso, Fonseca é taxativo ao declarar que não quer se associar aos projetos políticos das imediações, rechaçando suas opções políticas mais do que seus conflitos em si.

Outras conclusões foram cabíveis à análise, e de certa forma extrapolaram sua proposta: dentre elas, a observação de que a Frente Sandinista, após a morte de Fonseca, refuta algumas de suas proposições, do mesmo modo como, após a Revolução Sandinista, se redefine, retomando as ideias de Fonseca. Ou seja, o discurso da FSLN ao fim de 1979, no que diz respeito a Fonseca, é diverso daquele que pauta sua ação antes da eclosão da revolução. Ainda, essa remodelagem tange também à produção de Fonseca, que admite seu olhar seletivo sobre o pensamento sandinista – bem como sobre o pensamento guevarista – e, assim, faz opções que suprimem ou reforçam determinados pontos da concepção de Sandino

sobre a luta por libertação nacional, de modo que esta se alinhe com o projeto político desenvolvido por Fonseca. Esse uso político inclui a necessidade de rechaçar a imagem de Sandino definida por seus opositores após sua morte e, nesse intento, Fonseca preocupa-se em retomar a apropriação da luta de Sandino pelas massas, para incentivar sua unificação e identificação com o combate ao intervencionismo e ao “entreguismo” dos grupos governantes.

Por outro lado, não é surpreendente verificar que o uso político de Sandino por Fonseca e pela Frente Sandinista mantém várias das premissas desenvolvidas por seu mentor. A opção pela via armada, a fala a “artesãos” e camponeses, a denúncia ao imperialismo: logicamente, ao fundamentar a formação da FSLN, Sandino é reverenciado e parafraseado por ela. O programa da Frente, lançado em 1969, reescreve reivindicações que seguem factíveis, mais de trinta anos depois da morte do herói nacional, e expressa sua valorização da identidade nacional e da luta por autonomia política e econômica. Isso posto, conclui-se que é insuficiente analisar o pensamento de Carlos Fonseca e os caminhos percorridos pela FSLN sem recorrer à trajetória e à produção de Sandino. Do mesmo modo, uma análise que pretenda compreender a história da Nicarágua em qualquer momento do século XX ou que tencione investigar a memória em torno de Sandino será deficiente se não se debruçar sobre a produção de ambos. Isso porque, mais do que apenas um entusiasta do ideal político de seu antecessor, Carlos Fonseca é um estudioso apaixonado do que é para ele o herói nacional nicaraguense máximo: Augusto César Sandino.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALTODANO, Monica. Memorias de la lucha sandinista. (4 vols.) Managua: Instituto de Historia de Nicaragua y de Centro America, 2010.

CEBÉRIO, Jesús; INVERNIZZI, Gabriele; PISANI, Francis. Sandinistas – Entrevista com líderes sandinistas: Bayardo Arce, Humberto Ortega, Jaime Wheelock. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DAGNINO, Evelina. ¿Sociedade civil, participação e cidadania: de que estamos falando?. *In*: MATO, Daniel Mato (coord.). Políticas de ciudadanía y sociedad civil en tiempos de globalización. Caracas: FACES, Universidad Central de Venezuela, 2004, pp. 95-110.

DE LA PEÑA, Guillermo. Las movilizaciones rurales en América Latina desde c. 1920. *In*: BETHELL, Leslie. História de América Latina – 12. Política e sociedade desde 1930. Barcelona: Crítica, 1997, tomo 12, pp. 193-280.

DELEON, David. The popular front CPUSA and the Revolution of 1776: a study in “patriotic marxism”. *In*: Humanities Working Paper. Pasadena: California Institute of Technology, n° 39, novembro/1979.

DEVÉS VALDÉZ, Eduardo. El pensamiento latinoamericano a comienzos del siglo XX: La reivindicación de la identidad. Buenos Aires: CUYO, 1997, n. 14, p. 11-75.

FONSECA, Carlos. Obras. (2 tomos) Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1982.

FRAGA, Gerson Wasen; WASSERMAN, Claudia. Canções e Revoluções na América Latina: a luta sandinista na Nicarágua. *In*: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. [et al.] (orgs.) A prova dos 9: a História Contemporânea no Cinema. Porto Alegre: Suliani Letra e Vida, 2009.

HALPERÍN DONGHI, Tulio. Historia Contemporânea de América Latina. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: ED. PUC-Rio, 2006.

LORENZO, Tania García; SALAZAR, Luis Suárez. Las relaciones interamericanas: continuidades y cambios. Buenos Aires: CLACSO, 2008.

LÖWY, Michael (org.). O marxismo na América Latina – uma antologia de 1909 aos dias atuais. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2012.

MACIEL, Fred. Da montanha ao quartel: atuação e influência do Exército Popular Sandinista na Nicarágua. Franca, 2013. Dissertação de mestrado, UNESP.

MORLINA, Fabio Clauz. Teologia da libertação na Nicarágua sandinista. São Paulo, 2009. Dissertação de mestrado, USP.

ORTEGA, Humberto. 50 anos de luta sandinista. São Paulo: Quilombo, 1980.

PÉREZ BRIGNOLI, Hector. Breve historia de Centroamerica. Madrid: Alianza Editorial, 1990.

SELSER, Gregorio. Sandino – General de Homens Livres. São Paulo: Editora Parma, 1979.

STEDILE, João Pedro & BALTOIANO, Mônica (orgs.). Sandino: vida e obra. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

VILAS, Carlos. Perfiles de la Revolución Sandinista – Liberación Nacional y transformaciones sociales en Centroamérica. Buenos Aires: Editorial Legasa, 1987.

WHEELLOCK, Jaime. Frente Sandinista – Diciembre Victorioso. Managua: Secretaria Nacional de Propaganda y Educacion Politica del F. S. L. N., 1980.

ZEA, Leopoldo (org.). Fuentes de la cultura latinoamericana – Volumes I e II. México: Fondo de cultura económica, 1993.

ZIMMERMANN, Matilde. A revolução nicaraguense. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ZIMMERMANN, Matilde. Carlos Fonseca e a Revolução Nicaraguense. São Paulo: Expressão Popular, 2012.